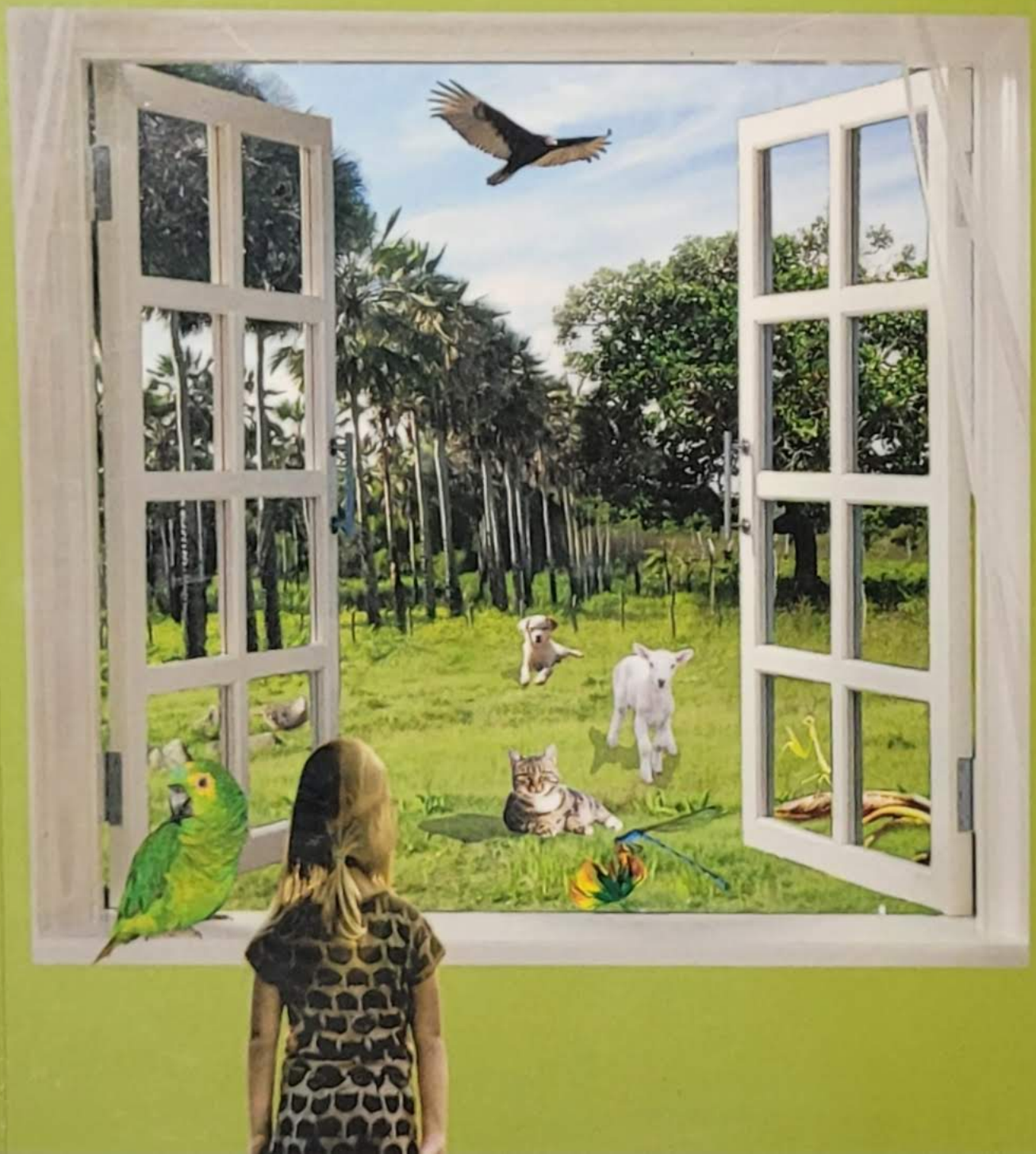
Socorro Vasconcelos

FRAGMENTOS DE VIDA

uma história em construção



Maria do Socorro Vasconcelos
(socorro2000br@yahoo.com.br)

Fragmentos de Vida: uma história em construção – reconstitui momentos e fatos importantes da vida de uma garota, discriminada e vítima de *bullying*, nascida no período pós-Guerra em um povoado, depois cidade, do interior do Nordeste do Brasil. Sua luta é persistente para superar traumas adquiridos e remover obstáculos que se interpuseram à realização de seus sonhos e conquistas nos campos estudantil e profissional. Os capítulos, em forma de conto, são relatos de experiências vividas no contexto familiar e na comunidade, oferecendo uma visão geral sobre temas sociais e culturais. O leitor terá a oportunidade de dar um mergulho no tempo e fazer um

Socorro Vasconcelos

FRAGMENTOS DE VIDA

uma história em construção

Ritinha,
com amizade.
Socorro Vasconcelos
Bela Cruz, 20/06/15

PREMIUS EDITORA

Copyright © 2015 Socorro Vasconcelos

Editoração Eletrônica e Capa Fábio Soares
Revisão Rejane Nascimento

Impressão e Acabamento

PREMIUS EDITORA

Rua São Paulo, 1695 - Centro
CEP 60030-101 - Fortaleza-CE
Fone: (85) 3214.8181 - Fax: (85) 3214.8182
premius@premiuseditora.ind.br
www.premiuseditora.com.br

PARCEIROS

ACE ASSOCIAÇÃO CEARENSE DE ESCRITORES escritoresace@gmail.com
UBE União Brasileira de Escritores São Paulo - SP
BIBLIOTECA NACIONAL

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação da fonte (CIP)

V331f Vasconcelos, Socorro.
Fragmentos de vida: uma história em construção/ Socorro Vasconcelos. - Fortaleza: Premius, 2015.

160p.

ISBN 978-85-7564-789-9

1.Romance. 2.Literatura brasileira. I. Título.

CDU 821.134.3(81)

A meus pais,
Gabriel e Theolina,
Pelos exemplos de fé, coragem, persistência e responsabilidade que de vocês recebi.
Com imorredoura gratidão. In Memoriam.

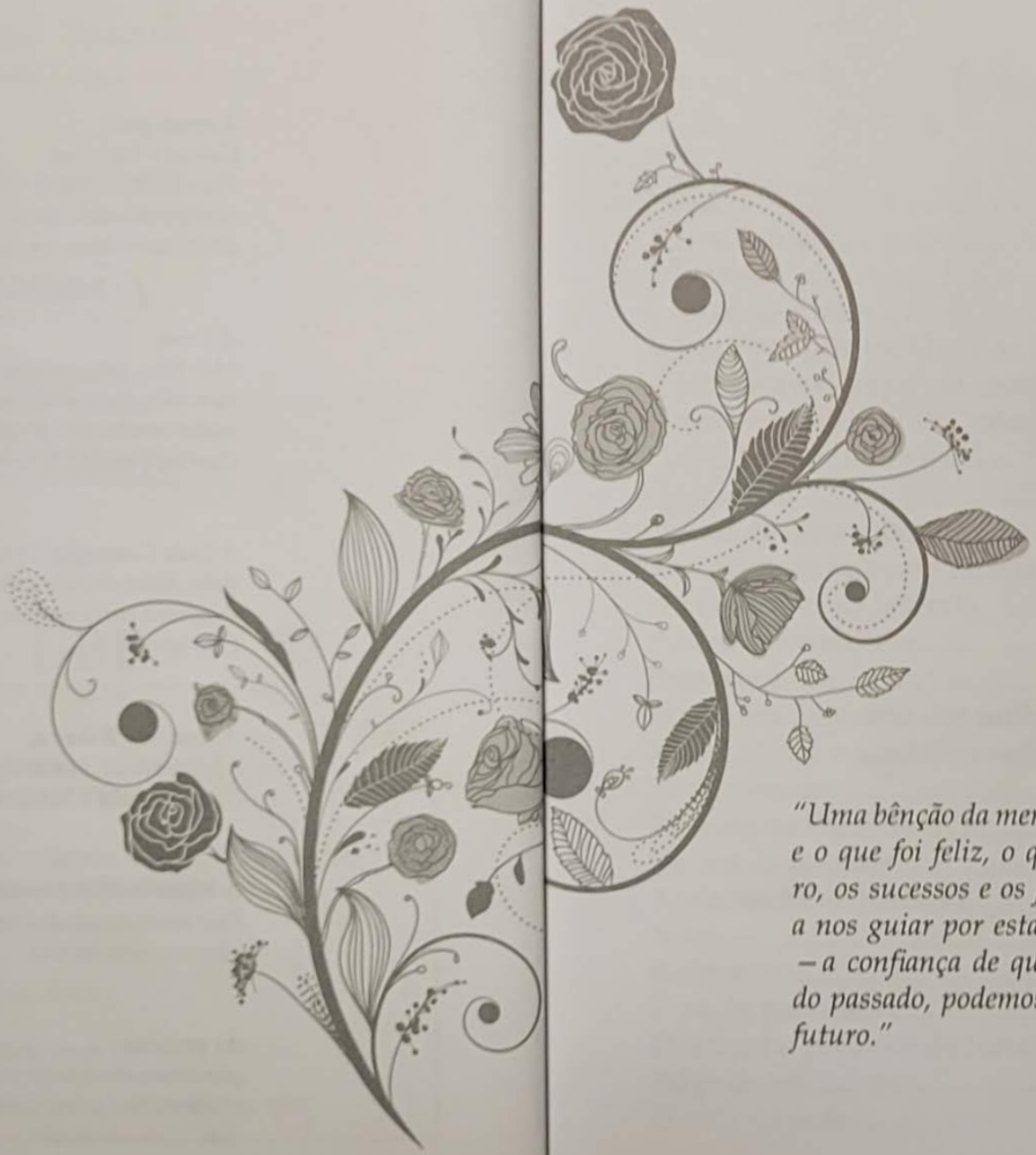
A Leon,
Meu filho, pelo precioso tempo que roubei e perdi de sua meninice, por ocasião de minhas andanças para cumprir metas estudantis e profissionais.
Com meu pedido de sentidas desculpas.

A Luiz Gonzaga,
Pelas lições de vida aprendidas com nossos erros e acertos, durante o curto período de união conjugal.
Com apreço.

A Antônio Ribeiro,
Meu irmão caçula, amigo e parceiro de folguedos.
Com saudades e indeléveis recordações. In Memoriam.

A meus irmãos e irmãs,
Pelo aprendizado das experiências vivenciadas em família.
Com reconhecimento.

Às pessoas
que sabem reconhecer e apreciar com ternura, a pureza existente nas coisas simples e delas tiram sábias lições de vida. Com admiração.



"Uma bênção da memória é percebermos o que foi triste e o que foi feliz, o que foi excitante e o que foi seguro, os sucessos e os fracassos da vida que se destinam a nos guiar por estas últimas estradas com confiança — a confiança de que, depois de vencer as exigências do passado, podemos caminhar com segurança para o futuro."

Joan Chittister
(In: A Dádiva do Tempo, p.183)

Sumário

Prefácio 9
Apresentação 11
Alvorada 13
O sinal de Airam 17
A rua vista pela moldura da janela 19
A bicicleta e o corpo em colisão 21
Morrer como sucede às galinhas 23
Cumplicidade entre irmãos 27
O sarampo 31
Queda de uma sobrinha 35
Acontecências na casa de farinha 39
O amanhecer na fazenda 43
Passeios dominicais 45
Primeira Eucaristia 49
O balé sincronizado dos urubus 53
Vestido novo e sandálias velhas 57
Lã de carneiro 59
Bonecas na fogueira 63
Os tios da fazenda 65
A madrinha de batismo 67
Nina 69
Rolimã 71
O pé de papoulas 73
O estranho presente de Natal 75
Briga de soldados 77
Queda de rede 79

Estudando Acordeom 81
O cacimbão 85
A saia plissada 89
O teatro e outras artes 91
Tragédia anunciada 97
Sonhos 103
Vida social 107
O voo para a liberdade 109
Rainha do Caju 115
Flecha no alvo 119
Noivado 125
Dona Severina 131
Sr. Valentim 139
Frida 145
Persistência na luta e novas conquistas 147
O Amigo Fiel 153
Sobre a autora 155

Prefácio

Para os mais velhos, o livro memorialista é condutor de tudo aquilo que a enxurrada do tempo levou de roldão nas ladeiras da vida. Para os moços, as histórias, nele revistadas, parecem coisas de um planeta perdido, cuja galáxia implodiu ao colidir com o meteoro em órbita do futuro. Porém, a única forma de traçar um paralelo entre o ontem e o hoje é esse diálogo difícil, entre o que não é mais e o que passou a ser.

Socorro Vasconcelos aceitou o desafio. Muniu-se de coragem e palmo a palmo ressuscitou cenas, lugares, acontecências, pessoas e animais que dormiam no esquecimento a que são relegadas as histórias que não mais fazem História.

Esta apresentadora é da geração pós-Guerra. Para mim, e acredito que também para os tipos humanos retratados ao longo da narrativa, foi e será delicioso entrar no sombrio mas acolhedor atalho de volta ao passado, território preservado, tombado pelo governo da memória de cada um e para onde cada um se volta, quando se sente excluído pelo Presente, rejeitado pelo Agora, atropelado na contramão pela esteira do trator dos novos tempos, que tudo aplaina e nada recicla.

Os tornados das mudanças levaram em espirais a idade da inocência, mais a inventividade das travessuras, a mística do respeito a mães, pais, madrinhas e padrinhos, aos mestres, aos santos no espaço sagrado das igrejas, que regulamentavam nossos atos, como se fossem censores de pedra

perfilados nas praças das cidadezinhas quietas, com passarinhos nos beirais dos telhados e nos parapeitos dos janelões das casas antigas.

Socorro nada sonega do lado bom e ruim desse mundo reconstruído; castigos, preconceitos, tabus, machismo, nobres intenções, cumprimento fiel dos deveres, amizades perenes e solidárias. Se repreendemos, eventualmente, a conduta descompromissada da geração do segundo milênio, somos tachados de hipócritas. Ora, a hipocrisia surge quando a virtude cochila e poucas vezes nossa virtude dormia, não porque fôssemos melhores, mas acreditávamos nas consequências funestas do erro e temíamos a lei do retorno.

Felizes as famílias, como a de Socorro, que têm o privilégio de ter entre os seus um pesquisador e bom contador de histórias, um narrador sem "panos mornos" quando revive altos e baixos do caminho percorrido.

Leiam e releiam este depoimento sincero e franco de quem pode afirmar de peito aberto: Como éramos fortes!

Francilda Costa

Apresentação

A ideia de escrever esta obra surgiu desde quando compreendi que a vida é um livro em branco e, a cada dia, escrevemos uma palavra, uma frase, um parágrafo, um texto ou até mesmo um capítulo; sobre fatos observados e experiências vividas. Parece que recebi um ultimato do tempo: **"Agora ou nunca".**

Seria bem mais prático escrever minha autobiografia, citando todas as conquistas nas áreas estudantil e profissional, mas o rigor da metodologia científica me limitaria ao uso da linguagem técnica, desprovida de emoção e sentimentos. Optei, então, por escrever um romance memorialista, que, embora com personagens e alguns lugares de nomes fictícios, tem como nascentes de suas histórias fatos reais.

Não pude mais conter o impulso de extravasar as reminiscências marcadas a ferro e fogo, de um passado que se faz presente, insistentemente, em cada coisa que vejo, em cada lugar por onde ando, em cada pessoa com quem converso. O relógio do tempo diz: **o momento é agora**. E, neste agora, surge o livro *Fragmentos de Vida:* uma história em construção. Não é uma obra acabada, é um ensaio; o começo de outras que virão, como o próprio subtítulo referencia. A história de um povo, de uma cultura e, ou, de pessoas, só termina quando a causa ou o fato histórico deixa de existir.

Em *Fragmentos de vida:* uma história em construção, o leitor viajará no tempo, de volta ao passado, revendo e

lembrando coisas simples, porém significativas, que marcaram a vida dos personagens: a infância, a juventude, a obediência e o respeito aos pais, professores e pessoas mais velhas, a criatividade das brincadeiras, o cumprimento dos deveres, as arengas entre irmãos, enfim, tudo que faz parte do cotidiano de uma família comum poderá ser revivido com sentimento e emoção, dentro do contexto em que se insere a narrativa.

Em minhas andanças pela vida, morando e visitando lugares longínquos e desconhecidos, estudando, pesquisando, trabalhando, passeando, enfrentando climas extremos, convivendo com pessoas de línguas e culturas diferentes, muitas histórias foram sendo construídas e guardadas em minha mente, querendo elas, agora, ser escritas e contadas, a fim de deixarem de ser patrimônio histórico e cultural privado, para se transformarem em patrimônio público, a serviço da coletividade.

Convido todas as pessoas que tenham acesso a este livro a interagir com os personagens, cujas características identificam a educação e a forma de viver da geração nascida na segunda metade do século XX. Espero que se sintam à vontade, apreciem a viagem de volta ao passado e dela tirem proveito.

A grande certeza expressa nesta obra é a de que *tudo passa, mas a vida continua*, e, nós, seres humanos, seguiremos aprendendo com nossas próprias experiências, se com elas construirmos nossa oficina de reflexão em busca de novos conhecimentos.

A autora

I

Alvorada

Madrugada, 20 de junho de 1946. Cinco horas da manhã. Os primeiros raios alaranjados do sol irrompiam sorrateiramente a bruma formada por nuvens espessas cor de chumbo. O dia estava clareando. Era festa! A banda de música explodia em alegres acordes. A porta principal da Igreja Matriz da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, da então Vila de Cruzada, servia de palco para a alvorada do Dia do Operário. Na praça apinhada de gente, as pessoas se juntavam para comemorar data tão significativa para a classe trabalhadora. Na ocasião em que se realizava a solenidade, numa casa situada ao lado esquerdo da Igreja Matriz, nascia uma criança do gênero feminino. O décimo sétimo rebento na constelação familiar do casal Valentim e Severina.

Uma família de classe média. O pai se dedicava à agropecuária, na qualidade de pequeno produtor; a mãe, às prendas do lar. Ambos cristãos, católicos fervorosos e praticantes. Pai e mãe criaram e educaram seus filhos dando exemplos de uma vida austera e cheia de virtudes, pautada na oração e no trabalho. A pequena recém-nascida foi batizada com o nome de Maria, mas, na intimidade, com suas amigas e colegas, era carinhosamente tratada por Marisol.

Seu destino estava traçado. Os acontecimentos ocorridos na hora do nascimento e sua posição na sequência da

família apontavam para algo significativo, fatores determinantes na construção de sua história de vida. Que futuro aguardaria essa criança? Que caminhos iria seguir? Quais seriam suas escolhas? Que contribuição daria à sociedade em que se inclui?

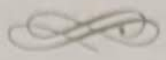
Estas perguntas sinalizam a compreensão das várias etapas do caminho que foi sendo construído, a partir de momentos vividos e, ou, de fatos que aconteceram ao longo dos anos, e que, sutilmente, pareciam não ter muita significação. Entretanto, hoje, vistos por um olhar mais crítico e perscrutador, compreende-se que toda e qualquer atitude tomada forma o desenho de fios que se entrelaçam e, juntos, vão tecendo o pano de fundo daquela vida que despontou naquele alegre e festivo alvorecer do dia 20 de junho, em que se homenageava o operário, na freguesia de Cruzada. Vida que continua se projetando no dia a dia, rica de aprendizagens e recomeços, por meio da dinâmica de "aprender novos valores, novos conhecimentos, novas atitudes e desaprender posturas superadas, conhecimentos obsoletos, valores ultrapassados, atitudes individualistas". (Vasconcelos, M. do S., in *Educação e Liberdade*, 2005:41).

A alvorada e as festividades ocorridas no momento do nascimento de Marisol foram muito significativas para a sua educação, face ao contexto sociocultural em que foi criada. Daí sua fascinação por banda de música, deslumbramento presente durante todas as fases de sua vida.

Quando criança, na festa da Padroeira, pela manhã, às cinco horas, a banda de música marchava pelas ruas, tocando e posicionando-se embaixo da torre, frente à porta da entrada principal da Igreja Matriz, e a tradicional alvorada aclarava o dia em homenagem à Nossa Senhora da Conceição. Marisol despertava aos primeiros sons, levantava-se

apressada e emocionada corria para ver a banda passar, olhando curiosa pelas frinchas de uma das janelas da casa. A banda tinha e ainda tem significado muito especial para Marisol, sobretudo alguns instrumentos, como o saxofone, o pistão e a clarineta. As marchas e os dobrados, até hoje, quando tocados, soam em seus ouvidos como deliciosa carícia melódica, levando-a, na máquina do tempo, às brumas do passado.

II



O sinal de Airam

A vida seguia seu curso. A menina Marisol crescia e nela se desenvolvia a impenetrável percepção das crianças. Havia uma mancha redonda, marrom no seu braço esquerdo, um pouco abaixo do ombro e que se prolongava por trás se sua axila. Este sinal foi sempre motivo de gozação por parte das irmãs que o apelidaram de *"pele de fumo"*. O apelido e as chacotas sempre a faziam sofrer, gerando gradativamente, o complexo de inferioridade.

A criança, já acostumada à gozação dos parentes, começava a desenvolver seu processo de associação, comparando as coisas que via, ouvia e tocava. Por volta dos quatro anos de idade, entrou casualmente no banheiro e viu uma de suas irmãs, já moça, tomando banho. Ela estava de cócoras, o que a impedia de mostrar todo o corpo. Chamou-lhe a atenção os mamilos: dois círculos de cor marrom claro. Surpresa e tímida foi falar com outra de suas irmãs e, muito admirada, disse:

— *Gilda, eu vi o sinal da Airam.*

Imediatamente, Gilda foi comentar com a irmã que tomava banho. Marisol foi repreendida, porque *"o sinal da Airam"*, na concepção das duas irmãs, a que tomava banho e a que contou o enredo, era a genitália. No entanto, a menina tinha feito uma associação entre os mamilos de sua irmã e sua mancha de nascença, por trás do braço esquerdo.

A criança ingênua, tímida e pura, passava a ser vítima da malícia dos adultos. Os conceitos de errado, feio e imoral, ainda não tinham lugar no seu coração inocente. A feiura e os preconceitos estavam impressos somente nos olhos e na mente das pessoas crescidas (gente grande).

III

A rua vista pela moldura da janela

Era costume de Marisol ficar de pé sobre uma cadeira, perto da janela, para olhar a rua, uma vez que lhe era proibido passear na calçada das casas que formavam a Praça da Igreja, como faziam as outras crianças.

Muitas vezes, Marisol distraída, absorta em seus pensamentos pueris, sentia que duas mãos ásperas vindas por trás de sua cabeça tampavam-lhe os olhos, ao mesmo tempo em que sentia o roçar de uma barba um pouco crescida espetar seu pescoço. O susto era tão grande a ponto de lhe escapar a palavra *"diacho"*, dita em voz alta. Em seguida ouvia uma voz dizendo: *"Ooolha"*, repreendendo-a em tom carinhoso, acompanhada de um sorriso. Ela se voltava e via seu pai. Vermelha de vergonha, por sua reação, baixava a cabeça e sorria encabulada. Na mesma hora, seu pai lhe pedia um abraço e ela lhe enlaçava o pescoço tão fortemente, chegando a quase sufocá-lo.

Fora essas demonstrações de afeto, recebidas de seu pai, poucas eram as pessoas que se mostravam carinhosa para com ela. Recebia, no entanto, atenção e carinho dos seus tios da fazenda, da madrinha de batismo, da prima velha de sua mãe e de sua vizinha que estudava em outra cidade, sempre quando vinha de férias. Havia também um homem maduro, um pouco retardado (hoje classificado como

especial), que vagava pelas ruas e vivia da caridade pública, de nome Gilson, mas era conhecido vulgarmente por *"Pelado"*, porque andava sem roupas às margens do rio, que fica próximo àquela localidade. Adorava crianças e, ao ver Marisol debruçada na janela, aproximou-se e deu-lhe um beijo na testa. Isto foi o suficiente para que Frida, uma de suas irmãs mais velhas, começasse as sessões de gozação, passando a chamá-la de *"Marisolzinha do Pelado"*, irritando-a bastante, até fazê-la chorar.

Qualquer coisa que Marisol dissesse ou fizesse era motivo de gozação. Recebia, constantemente, novos apelidos, transformados e usados como instrumentos de tortura psicológica (hoje chamada *bullying* pelos psicólogos e educadores), deixando a criança irritada, deprimida, apática, sem poder se defender, por ser a mais nova das meninas.

IV

A bicicleta e o corpo em colisão

Era a festa da Padroeira, Nossa Senhora da Conceição. A multidão aglomerava-se em volta da igreja matriz. Durante as comemorações, soltavam fogos de artifício. A explosão dos fogos assustava Marisol que tinha muito medo daquilo, porque certa vez uma taboca explodiu perto dela e quase a queimou.

Todos os dias, antes da novena, havia queima de fogos. Em certo dia da festa, quando começaram a estourar os fogos, Marisol estava brincando na calçada. Assustada, correu para sua casa. Ao redor da igreja, uma multidão se comprimia. Amendrontada com o estrondo dos fogos e com receio de ser atingida outra vez por alguma taboca perdida, correu para a praça, sendo atropelada pela bicicleta de um vizinho, que morava no final da rua. Rolou no chão atordoada, de olhos fechados, sem saber para onde estava indo.

Sua irmã Zelda, a primogênita, ainda solteira, socorreu -a e cuidou de seus ferimentos, que, por sorte, foram leves; o susto e o medo foram bem maiores. Enquanto isso, Dona Severina, sua mãe, apesar de aflita, queria castigá-la, para que não voltasse a brincar na calçada e, ou, na rua, principalmente nos dias de festa. Pobre menina reprimida! Alvo da incompreensão dos adultos.

Depois de crescida, quando relembra esse fato, não sabe dizer o que lhe doeu mais: se o medo, se os ferimentos ou a falta de compreensão por parte de sua mãe, num momento em que ela necessitava de ajuda e carinho, sobretudo para superar o pânico que tinha dos fogos, que até hoje a assustam e intimidam.

Na sua percepção de criança indefesa, Marisol sentia-se frágil e queria ser protegido pelos familiares adultos, sobretudo, por sua mãe. Naquele momento, parecia-lhe que Dona Severina não estava dando a devida importância aos seus temores e necessidade de segurança para superar os traumas adquiridos com a queima de fogos e o acidente provocado pela bicicleta, naquela ocasião.

V

Morrer como sucede às galinhas

Por ser a décima sétima filha, percebia que, não fora tão desejada nem tão querida. Sempre marginalizada e discriminada pelas pessoas de casa.

Depois dela, veio o irmãozinho Tom, que passou a ser o centro das atenções, por ter nascido depois de seis mulheres e o último da constelação familiar. Tom era dois anos mais jovem que Marisol, que já completara quatro anos de idade.

Enquanto Tom crescia, para fazer-lhe companhia nas brincadeiras, Marisol permanecia no seu mundinho de criança solitária. Adorava ficar no quintal brincando de bonecas debaixo das árvores. Uma vez, quando brincava sozinha debaixo de um pé de cróton, no terreno pegado ao oitão de sua casa, sua mãe a repreendeu, porque não queria que andasse descalça no chão quente e tomasse sol. Nessa ocasião, foi chegando Zelda, sua irmã mais velha, que há pouco tempo havia casado. E, como sempre havia comandado todos os irmãos e irmãs, quando viu Marisol no quintal, debaixo da árvore, chamou-a e amarrou uma corda em um de seus tornozelos, dizendo:

— *Eu vou puxar o seu pescoço como mato as galinhas, se você ainda for para o quintal andar no chão quente.*

Pobre criança! Coagida pelas ameaças e educada na pedagogia da repressão e do medo, sua fuga da realidade era

rotina. Entregava-se às suas fantasias. Apegava-se às bonecas, aos animais e aos insetos em volta.

Certo dia, foi surpreendida pela mãe e pelas irmãs criando um inseto verde chamado, popularmente, de *"esperança"*. Era um *louva-a-deus*. Também pegava e cuidava de libélulas. Em outra ocasião, foi surpreendida, dando leite na boca, com uma colherinha, a uns filhotes de rato, recém-nascidos e ainda com os olhinhos fechados, que havia encontrado numa pilha de lenha no quintal. Cuidava de todos os animais doentes ou rejeitados pelas próprias mães, trazidos da fazenda por seu pai.

Durante a época chuvosa, na escuridão da noite, distinguiam-se nas plantas do quintal minúsculas lanternas de luz branca, que, ora acendiam ora apagavam. Eram os vaga-lumes ou pirilampos, pequenos insetos com dois olhinhos brilhantes e emparelhados, que enfeitiçavam Marisol e, por isso, ela os caçava para brincar. Hoje, a devastação do meio ambiente é tão grande, que os vaga-lumes não mais existem. As crianças já não podem sentir a emoção de brincar com prendas oferecidas pela natureza. Tudo é industrializado, eletrônico e já vem pronto, bloqueando e inibindo a criatividade infantil e o espaço do sonho.

Uma vez, Marisol ganhara de alguém dois filhotes de rolinha para criar, totalmente despenados. Ela fez um ninho com algodão para aquecê-los. Dava-lhes comida pelo bico. Cuidava deles com todo carinho. Certo dia, ao sair com a gaiola para dar comida às rolinhas recém-nascidas, que já haviam criado penas, seu irmão Jobim ia chegando do trabalho muito afobado. Quando a viu com a gaiola, correu atrás dela e tomou-a de suas mãos. Abriu a portinha, tirou os filhotes e atirou-os um de cada vez na parede do muro do quintal, matando todos. Marisol caiu em prantos pela dor que sentiu ao assistir à terrível perda de seus bichinhos de estimação.

Jobim não era uma pessoa má; era apenas um jovem por demais ansioso e preocupado em cumprir as tarefas que recebia de seu pai. Tinha uma aparência fidalga, pele branca e cabelos louros. O trabalho no campo era rústico e pesado, desde criança debaixo de sol e chuva, ajudando o pai na labuta do plantio e da criação de animais. Era bom filho: obediente, disciplinado, trabalhador, prestativo, generoso, inteligente, organizado, amante da limpeza e perfeccionista nas coisas que fazia, qualidades estas que o tornavam afobado quando as tarefas não eram realizadas no tempo e da forma em que tinham sido planejadas.

Mais tarde, Jobim casou-se e teve filhos. Como toda criança, seus filhos tinham e têm animais de estimação. Na casa dele viam-se gaiolas com vários pássaros. As pobres criaturinhas, que nasceram livres para voar e sobreviverem por si próprias, quase sempre passavam fome e sede, presas nas gaiolas, à mercê do tempo livre do próprio Jobim, que lhes dava comida e água, quando chegava exausto do trabalho. O que um pai não faz para agradar aos filhos!

VI

Cumplicidade entre irmãos

O tempo foi passando. Marisol e Tom, os dois irmãos mais novos, a cada dia foram se afinando mais e mais. Um servia de companhia ao outro. Eram cúmplices nas brincadeiras. Marisol fazia as bonecas de pano com enchimento de algodão, das sobras do algodão colhido nas plantações de seu pai. Tom fazia carrinhos de madeira e, ou, de caixas de papelão, para transportar as famílias de bonecas em passeios e viagens que imaginavam.

As brincadeiras giravam em torno de festas para comemoração de aniversários, casamentos, batizados e Primeira Eucaristia das bonecas. Havia até celebração de Missas, pelo *"Padre Tom"*, que se vestia de paramentos feitos com papel reaproveitado dos sacos de cimento e alvas com varandas brancas tiradas das redes que já não eram mais usadas. Um tempo de inocência, criatividade e sonho.

Tom deveria ter de dois a três anos, quando sua mãe sentiu falta dele dentro de casa e foi ao quintal à sua procura. A certa distância, viu o menino acocorado embaixo de uma laranjeira onde havia um tanque de lavar roupas. De longe, perguntou aos gritos:

— *Tom, que está fazendo aí?*

Ele prontamente respondeu:

— *Estou lavando a calcinha da Pulguinha.*

"Pulguinha" era um nome carinhoso que Tom dera à sua irmã Marisol, para amenizar o apelido grosseiro de *"Pulga Mocha"*, que sua irmã Airam havia posto na irmãzinha caçula, para irritá-la e zombar dela.

Quando Tom era castigado por alguma travessura, Marisol sofria com ele. Na escola, quando a professora ia tomar a tabuada, usava palmatória. Se Tom recebesse um *"bolo"* na mão, Marisol ficava furiosa com a professora e, embora não pudesse manifestar sua fúria, seu coração de criança batia acelerado de dor e de revolta.

Tom era muito inteligente, sensível e criativo. Entre três e quatro anos, certo dia, pela manhã, antes do sol nascer, deitado na rede conversando com sua mãe e Marisol que, estendida na sua redinha armada ao lado dos dois, ouviu Tom dizer: *Mamãe, quando eu crescer, vou construir uma casa para você toda forrada de cimento armado* (termo utilizado na época, substituído hoje por concreto). Sua mãe, achando a promessa interessante, disse com ternura: *Está bem, meu filho, vou esperar.* Essa promessa não chegou a ser cumprida, pois Deus chamou Tom para si, em plena adolescência.

Tom, além de celebrar missas, construía estátuas de barro, imagens de Nossa Senhora, sua madrinha. Várias vezes, Leonam, empregado de seu pai, trazia da fazenda uma estátua e com muita graça a entregava para Marisol dizendo: *Olhe a santa que está aparecendo agora!*

Sua criatividade era inesgotável. Fazia filmes com uma caixa de sapatos, recortando e pregando figurinhas de santos em papel celofane. Pregava na fita dois palitos grandes, um em cada extremidade, para enrolar e desenrolar. Depois colocava um foquito por trás da fita transparente com as figuras coladas e projetava na parede. As imagens apareciam em preto e branco e iam surgindo à proporção em que a

fita ia sendo desenrolada e enrolada, de uma extremidade a outra. Fazia instalações elétricas para a casa das bonecas, colocando na parede um foquito pregado com cera de abelha trazida da fazenda de seu pai, um arame fino de cobre e uma pilha. Construía carrinhos de madeira, mesmo sem ter o material e as ferramentas apropriadas. Confeccionava pipas com papel fino, varetas extraídas de folhas de coqueiro e, ou, carnaubeira, a cauda feita de pequenos retalhos de pano amarrados em um cordão. Confeccionava baladeiras, cavalos de pau, usando os talos das folhas da carnaubeira, além de outros brinquedos de criança do interior. Era muito criativo e seu raciocínio ia mais e mais se desenvolvendo, à proporção em que novos brinquedos eram inventados e ganhavam forma. Ele gostava, também, de cantar. Sua voz era afinada e melodiosa.

Tom sabia como dar respostas repentinas a críticas e, ou, observações indiscretas que alguém lhe fazia. Certa vez, aí pelos três ou quatro anos, estava sentado no parapeito da janela que dava acesso à rua, quando passou uma vizinha e amiga de sua mãe e, para mexer com ele, disse com admiração: *Tom, que orelhas sujas!* Ele respondeu imediatamente, dando ênfase às palavras: *Pois lamba!* Depois, a vizinha, rindo, contou para sua amiga, a mãe de Tom.

Além de grande presença de espírito, suas respostas tinham muita coerência. Certo dia, no Colégio onde estudava, a professora de quem mais gostava estava vendendo pirulitos aos alunos, na hora do recreio. Ele perguntou: *Irmã Cláudia, quanto custa o pirulito?* Ela disse o preço. Ele respondeu prontamente: *Caríssimo!* A irmã contestou: *Tom, você acha caro o pirulito?* Ele contra-argumentou: *Não Irmã, eu disse: Caríssimos, comprai os pirulitos. (Caríssimo, aqui, é uma alegoria às epístolas de São Paulo).* A Irmã achou graça, tinha muita afeição por

ele, porque, além de inteligente era também um líder nato. Sempre que ocorria algum tipo de bagunça na sala de aula, ele assumia a culpa sozinho.

Certo dia, na classe, os alunos se comportaram mal com uma professora novata, meio maluca, contratada pelo Colégio. Tom não tinha ido à aula porque estava com um furúnculo em um dos pés. Quando a professora chamou a Superiora para relatar o caso, ela, repreendendo os alunos, disse: *Agora, eu sei quem são os e as "Tom" da classe.*

Tom tinha um colega de classe que era um tanto gordo e moreno. Apesar da aparência, considerava-se um galã, namorando todas as jovens forasteiras que vinham à cidade. Tom o apelidou de *"Panelão"*, apelido esse que pegou rápido. Os colegas e toda a gente que o conhecia passaram a chamá-lo assim. O tempo passou, o *"Panelão"* cresceu, estudou, casou-se e acabou Prefeito do Município.

Muitas coisas foram vividas conjuntamente, por Marisol e Tom. A adolescência chegou e com ela as tertúlias. Marisol era proibida de dançar, mas Tom queria aprender. Então, convidava a irmã para as tertúlias que se realizavam ao som da vitrola, nas casas dos amigos, situadas na praça onde moravam. Era a única maneira de ambos tentarem aprender a Bossa Nova e o Twist, ritmos musicais da época, correndo o risco de quando chegassem a casa, Marisol levar uma surra da mãe. Uma época bonita, mas tão passageira no viver descuidado dos meninos de outrora.

VII

O sarampo

Início de dezembro. Época em que se comemorava a festa de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da paróquia de Cruzada. Marisol tinha por volta de sete anos de idade. Todos os dias, durante a festa, a praça em volta da igreja ficava repleta de pessoas que vinham de outros lugares e das redondezas de Cruzada. Também vinham famílias de ciganos com seus comboios, trazendo mercadorias e brinquedos para vender durante o período do evento.

Marisol gostava de passear na calçada, dando uma fugidinha até a praça, para admirar os brinquedos que as ciganas vendiam: mobílias confeccionadas de arame e fios de lã coloridos, artefatos feitos de madeira (guarda-roupas, mesinhas e cadeiras, ioiôs, pião...), além de outras peças de cerâmica feitas com barro massapê (pratos, panelas, moringas, etc.); tudo para adornar as casinhas de boneca. Esses brinquedos encantavam os olhos de Marisol, que desejava possuí-los para completar e enfeitar o espaço de lazer no convívio com suas bonecas.

Todas as noites dava uma volta pelas tendas dos ciganos que se instalavam em frente de sua casa. Vinha gente de muitas partes, inclusive da zona rural. Depois de seu passeio costumeiro pelas tendas dos ciganos, dava uma escapulida e ia visitar duas moças que moravam numa casa no final da

mesma rua em que vivia. Chamavam-se Iara e Celina. Iara era a mais jovem e gostava de colocar Marisol no colo. Tratava-a com muito mimo.

Certo dia, Marisol, estando sentada no colo de Iara, começou a tossir. Iara colocou a mão em sua fronte e disse: *Você está muito quente, deve ser febre. É melhor ir para a casa e evitar tomar sereno. Pode ser gripe.*

Marisol voltou para casa e, em lá chegando, falou com sua mãe, que, confirmando a febre, deu-lhe um analgésico e mandou que ela fosse se deitar. No dia seguinte, Marisol acordou ardendo em febre e cheia de pontinhos vermelhos. Era sarampo. Estava havendo um surto, talvez trazido por pessoas de fora, chegadas ali para participar da Festa da Padroeira.

Dona Severina disse a Marisol que ela ia passar quarenta dias presa no quarto, sem sair, porque se levasse alguma corrente de ar, poderia morrer ou ficar com algum tipo de sequela.

Marisol, a contragosto, obedeceu à sua mãe, sem questionar, mas, por outro lado, ficou feliz, porque sabia que durante aqueles quarenta dias não apanharia de ninguém. Sua mãe levava-lhe comida no quarto. Como tinha de seguir uma dieta rigorosa, comia apenas arroz com galinha e, ou, carne de vaca, mingau, canjica, arroz-doce e leite. Dona Severina fervia o leite e para esfriá-lo, derramava o líquido de uma tigela para outra. Esse processo de resfriamento do leite fazia com que nele se formasse bastante espuma. Quando Marisol ia tomá-lo, sentia repugnância, aborrecendo o leite e também a canjica.

Dona Severina dissera que ela só podia sair do quarto e comer outro tipo de comida, depois de cumprir a quarentena. Certa dia, foi servido no almoço carne de porco frita. O

cheiro da comida aguçou o olfato de Marisol, despertando nela o desejo de comer também daquela iguaria. Todavia, a mãe disse que ela não podia, porque ainda estava de dieta por causa do sarampo. Se ela comesse, ia ficar inchada como a velha Briosa. Briosa era uma preta de idade avançada que sofria de uma enfermidade que lhe inchara todo o corpo. O inchaço fazia com que sua pele ficasse brilhosa e por isto recebeu de algumas pessoas do lugar esse apelido.

Marisol insistiu tanto para comer, que Dona Severina resolveu lhe dar um pedaço de carne. Quando ela o colocou na boca e começou a mastigar, as irmãs, mangando dela, disseram em coro: *Vai inchar como a vea Briosa, vai inchar como a vea Briosa...* Naquele momento, Marisol sentiu a carne inchando em sua boca e cuspiu. Sugestionada com aquelas palavras, teve medo de ficar inchada e brilhosa como a velhinha mencionada e conhecida por todos.

Marisol não teve uma infância tranquila. Era constantemente reprimida, vítima do medo e alvo de zombaria das pessoas de casa. Hoje, como pesquisadora da área de educação, repudia gestos autoritários e discriminatórios com crianças indefesas, que geram traumas, muitas vezes, irreversíveis. Defende a tese de que, muitos traumas adquiridos na infância, necessitam de terapias intensivas, durante todas as fases de vida de uma pessoa. Compara-os com as raízes de ervas daninhas, que se infiltrando no solo, sugam os elementos químicos indispensáveis ao crescimento sadio das plantas cultivadas pelo homem, para suprir suas necessidades alimentícias.

VIII

Queda de uma sobrinha

Marisol crescia e, aos sete anos, já tinha vários sobrinhos e sobrinhas, filhos e filhas de suas irmãs mais velhas. Era uma menina magrinha, frequentemente vítima de enxaquecas, pois nem todo alimento lhe caía bem. Mesmo assim, sua mãe a mandava para a casa de Zelda, a irmã mais velha, para cuidar dos sobrinhos enquanto esta trabalhava em costuras, pois era modista.

Marisol passava o dia ou parte dele com os sobrinhos no colo, balançando-se numa rede de tucum e cantando as modinhas que aprendera com suas irmãs e, ou, com a radiadora local, até as crianças dormirem. Quando uma dormia, outra acordava e as sessões de balanço de rede acompanhadas de canções recomeçavam, sem espaço de tempo para descansar da anterior. Essa tarefa realizada por Marisol era uma exceção ao costume da época, pois, de modo geral, eram as mães quem acalentavam seus filhos pequenos para dormir, murmurando suaves cantigas de ninar que tinham um efeito hipnótico.

Os balanços, subindo e descendo, eram tão altos que, às vezes, a corda que amarrava o punho da rede saía do armador ou rompia-se, levando Marisol ao chão com a criança no colo. Quando os sobrinhos menores estavam dormindo, Marisol mexia e esfriava o mingau das crianças, lavava pratos e panelas,

areava colheres e enxugava os utensílios que tinham sido usados no preparo das comidas. Na hora das refeições, Zelda oferecia almoço ou janta a Marisol que, mesmo com fome rejeitava a comida, com vergonha de comer na casa da irmã.

À tardinha, quando ia para casa, dizia a sua mãe que estava com fome. Dona Severina lhe perguntava se ela havia jantado, obtendo resposta negativa. Na maioria das vezes, todos da família já haviam jantado e sua mãe se via em apuros, tendo que improvisar algum tipo de comida para que Marisol não fosse dormir com fome.

Quando Zelda ganhou o terceiro filho, sua mãe levou Romélia, a segunda filha de Zelda, para sua casa. A menina não andava ainda, apenas engatinhava arrastando as nádegas pelo chão. Era branca, de olhos azuis e muito gorda. Mesmo sem caminhar, arrastava-se por toda a casa. Certa ocasião, a mãe de Marisol pediu que cuidasse de Romélia enquanto ela ia à cozinha dar uma olhada nas comidas que estavam no fogão. Num abrir e fechar de olhos, a menina se arrastou até a porta do quintal e caiu de um batente no terraço. Na ocasião, a avó acudiu e em seguida deu uma surra em Marisol por ter deixado a sobrinha cair. Marisol ficou tão aflita com a queda da sobrinha que, quando sua mãe começou a surrá-la ela gritava:

– *Mamãezinha, eu lhe perdoo!*

Sua mãe respondia:

– *Você me perdoa, mas eu não lhe perdoo.*

Marisol repetiu essa súplica durante o tempo em que era surrada, mas sua mãe seguia dando a mesma resposta. Foi o suficiente para que Frida usasse essa expressão para mangar de Marisol, que, além de constrangida e triste com a queda da sobrinha, sentia a humilhação da surra e ainda tinha que aturar a gozação de sua irmã, que sempre a lembrava do ocorrido, repetindo várias vezes a súplica de Marisol e a resposta ao refrão, até fazê-la chorar.

Marisol, no seu entender, mesmo que o quisesse, não tinha força física o bastante para impedir a queda da sobrinha muito pesada, por isso se sentiu injustiçada e humilhada, dentro de sua própria família.

IX

Acontecências na casa de farinha

Quando crianças, Marisol e seu irmão Tom eram levados por sua mãe para a fazenda, na época da colheita e ralação da mandioca, na farinhada. Durante o dia, os dois se balançavam numa rede de tucum, cantando as modinhas que já haviam aprendido.

Certa vez, durante as férias, Marisol e suas irmãs estavam na fazenda. Seu irmão Jobim fez um balanço de corda, com pedaços de pau, em forma de degraus de escada. Amarrou o balanço no galho mais alto de um enorme cajueiro. Todos subiram para balançar, cada um ocupando um degrau diferente. No primeiro impulso, o galho quebrou-se e todos foram ao chão. Foi uma queda suave, como se estivessem descendo de paraquedas. Ficaram com medo de que o pai os repreendesse, mas ele apenas proibiu que se repetisse a brincadeira, porque então poderiam se machucar de verdade.

A vida na fazenda era tediosa, muito monótona. Durante o dia as mulheres raspavam as mandiocas que os homens as moíam. Depois de moída, a mandioca se transformava em uma massa espessa que as mulheres lavavam, para dela extrair a goma e depois fazer a farinha. A fabricação da farinha obedecia a um processo rudimentar e tradicional, passado de geração a geração, originário dos costumes indígenas, antigos habitantes daqueles sítios.

Depois de moer a mandioca, a massa era lavada no jirau, feito de forquilhas, estacas de madeira e tecido. Só depois era prensada e peneirada. Embaixo de cada jirau colocava-se um alguidar de barro, para receber o sumo, que, após algumas horas de descanso, passava naturalmente pelo processo de separação da parte sólida e da parte líquida. A parte sólida ficava no fundo do alguidar e a líquida na camada superior. A parte sólida era a goma ou fécula, muito branca e fina, que servia para fazer tapiocas, beijus, bolos, biscoitos etc.

A massa, extraída da mandioca moída e espremida, era peneirada e torrada no grande forno redondo de alvenaria, mantido aceso a lenha, tendo-se como resultado do cozimento a farinha de mandioca. Para as pessoas que viviam da agricultura, a farinha de mandioca era um dos produtos mais preciosos, pois, além de garantir a base da alimentação da família, também era comercializada, gerando fonte de renda.

Certo dia, Marisol estava na casa de farinha, junto de sua mãe. Ali se reuniam várias mulheres, fazendo a limpa da mandioca para moer e seu pai mexendo a farinha no forno grande. Em dado momento, Marisol olha para cima e vê uma cobra, enrolada na carnaúba do teto da casa de farinha. Volta-se para o pai e diz:

– *Olhe, papai. Uma cobra lá em cima!* Como tinha dúvidas, sobre a possibilidade daquilo ser uma cobra, corrigiu:
– *Não, acho que é um couro de cobra.*

O pai olhou para o teto, viu a cobra e falou:

– *É mesmo uma cobra. É uma "cobra de veado". Ela veio para comer os pintinhos da galinha de sua mãe. Vou matá-la.*

O pai deixou de lado o trabalho que estava fazendo, mandou que as crianças se afastassem do local, puxou uma mesa, pôs uns caixões de madeira em cima da mesa, subiu e puxou a cobra pelo rabo, com tanta força que, quando ela

despencou, bateu forte com a cabeça no chão e morreu. Media aproximadamente dois metros.

Marisol ficou muito impressionada com o tamanho e as cores da cobra, sobretudo com a forma em como ela morreu. Esse fato marcou sua mente, pois sempre teve compaixão dos animais, mas, em se tratando de cobra, ela tinha muito medo e, essa cobra, com certeza, ia comer os pintinhos que ela tanto estimava. Pela captura da cobra, pela coragem e defesa da vida dos pintinhos, seu pai passou a ser seu herói.

Relembrando os fatos marcantes de sua infância, Marisol faz uma autoanálise e supõe que, seu medo por cobras deve ter relação com a história do Pecado Original, que lhe fora contada, quando criança, por sua mãe, pois segundo a Bíblia Sagrada, Adão e Eva foram tentados pelo Satanás transformado em uma serpente, fazendo com que eles desobedecessem a Deus e fossem expulsos do paraíso, onde viviam felizes.

Marisol, hoje, relembrando os tempos idos, pensa com nostalgia e admiração: Como era brava a gente de minha meninice! Quanta coragem, quanta determinação! Meu pai com seus empregados, meus irmãos, homens destemidos, que não fugiram à luta pela sobrevivência. Trabalharam duro debaixo de sol e de chuva, a braços com sistemas agrícolas rudimentares, enfrentando tempos escassos resultantes de secas prolongadas e inundações. Meu pai, com perspicácia, perseverança, responsabilidade e força de vontade, educou filhos e filhas nos padrões rígidos da moral cristã, formando profissionalmente quase todos, deixando um legado de honra e trabalho para toda a sua descendência.

X

O amanhecer na fazenda

Algo mais fascinava Marisol: o amanhecer na fazenda. A casa tinha fendas no telhado e, pela manhã, ao acordar, olhava para cima e era como se estivesse vendo a negritude da abóboda celeste, cheia de estrelas brilhantes. Ficava quietinha em sua rede, olhando para o teto e ouvindo a tagarelice dos pássaros. Eram momentos mágicos para a imaginação de uma criança que vinha da zona urbana e que encontrava na natureza a forma mais simples e perfeita de ser feliz.

Durante a temporada que passava na fazenda, todas as manhãs, Marisol gostava de passear sob os cajueiros. Eram árvores grandes, galhos grossos e baixos roçando o chão. Serviam para montar e fazer balanço. Mas, como era proibida de subir em árvores para evitar acidentes, ficava olhando para os cajueiros e conversava com cada um como se fossem pessoas. Cada árvore, na sua imaginação, representava alguém, um amigo ou uma amiga. Vivia no mundo da fantasia. Fantasia essa, saudável e útil, com que se exercitou para as diversas funções que posteriormente desempenhou em sua vida.

Sempre que estava sozinha, Marisol ia para o seu campo experimental: o quintal da fazenda. E lá, debaixo dos cajueiros, começava a falar de improviso para um público imaginário, transformando a solidão em atividade prazerosa,

experimentando-se para os diversos desafios que a vida iria lhe proporcionar daí por diante.

Em sua pueril e mágica fantasia, sentia-se à vontade diante de uma plateia de amigos imaginários. Falava em público, discursava, contava histórias, representava papéis. Papéis esses vivenciados em cada etapa de sua vida.

Quando adolescente e estudante atuou como atriz comediante, escrevendo roteiros de teatro e representando diferentes personagens, tanto em pastoris quanto em peças de sua autoria, encenadas no colégio onde estudou até o Ensino Médio, à época Curso Normal Pedagógico. Na juventude, optou pela carreira do magistério, exercendo durante sua vida profissional vários cargos e funções.

XI

Passeios dominicais

Aos domingos, era de praxe Dona Severina levar a meninada para passear na casa de seus tios, na localidade de Tabocas, onde morou um tempo com os avós quando criança. Ela e as meninas eram muito bem recebidas pelos tios e pelas primas. Dona Severina ensinou aos filhos que chamassem suas primas de tias. Eram quatro irmãs donzelas: Núbia, Odália, Anita e Lara. Todas muito gentis. Núbia, a mais velha, tinha um papagaio que falava e cantava. Era a atração da criançada. Todos queriam ver o Louro falante. Lara, a mais nova, era muito bonita: esbelta, estatura mediana, cabelos pretos, longos e ondulados, caídos até a cintura, adornados com fita colorida e, ou, flores naturais. Dava muita atenção às meninas, levando-as para brincar à sombra das árvores do quintal. Lara colocava Marisol no colo, por ser a menorzinha e mais nova das irmãs. Ambas se entendiam muito bem. Marisol tem grande carinho por Lara; a única das quatro irmãs donzelas que ainda está viva.

Próximo a casa, havia uma lagoa que pertencera ao pai de Dona Severina. Depois do falecimento dele, passou a pertencer a um dos herdeiros. A lagoa era aberta ao público. Durante a época invernosa transbordava. No verão, as águas diminuíam de volume e em tempos de seca evaporavam-se totalmente, mostrando o solo rachado e os torrões de

barro massapê, utilizado na confecção de artefatos de cerâmica: potes, panelas, pratos, alguidares, cuscuzeiras, jarros, etc.

Quando a lagoa secava, Dona Severina, ao visitar os tios e primas com as filhas, cortava caminho passando por dento da lagoa. Quando esta enchia, ia por fora, contornando-a. A caminhada se tornava mais longa.

A lagoa era a atração de toda a garotada do lugar. Os adolescentes faziam dela ponto de encontro para se divertirem tomando banho, mergulhando e, ou, aprendendo a nadar. Dona Severina, durante os passeios dominicais à casa dos tios, algumas vezes banhava-se na lagoa, permitindo que as filhas menores, também, tomassem banho ali, sob sua vigilância. Marisol entrava só na parte rasa; tinha medo de morrer afogada. Por isto nunca aprendeu a nadar.

Além da atração das crianças pelo Louro da tia Núbia e pela lagoa, havia várias espécies de pássaros (graúna, bem-te-vi, sabiá, canário, jandaia, periquito, corrupião, sanhaçu, rolinha e outros) que cantavam nas fruteiras do quintal da casa e nas carnaubeiras, abundantes na localidade. Marisol deleitava-se com a natureza, brincando à sombra de uma frondosa mangueira e, ou, de uma enorme tamarineira, que, além de permanecer carregada de frutos durante o ano, estes tinham um sabor agridoce, agradando por demais seu paladar, bem diferente daqueles tamarindos azedos que colhia na casa do vizinho, quando era chamada por uma de suas duas filhas moças para prestar-lhe um pequeno favor. A casa era cercada de carnaubais, propriedade de pessoas da família, inclusive de Dona Severina.

A carnaubeira, planta típica do Ceará, foi durante muito tempo sua maior fonte de renda. As famílias que possuíam carnaubais eram consideradas ricas, pois dessa planta era extraída a palma, que, depois de seca ao sol, produzia um pó branco, com que era fabricada a cera, utilizada para

diversas finalidades. Nos dias atuais, essa matéria-prima, tão valiosa, foi substituída por produtos sintéticos, oriundos do petróleo, na fabricação de vários objetos, muito embora a cera de carnaúba ainda seja aplicada em larga escala pelo setor industrial, na fabricação de isolantes elétricos, *chips* de computador, cosméticos, cápsulas de remédio, cera de polir carro e assoalho, etc. As palhas são utilizadas, de forma artesanal, na confecção de bolsas, chapéus, esteiras, sandálias, vassouras, urus, redes, pincéis, cordas e até mesmo usadas na coberta de casas sertanejas. Atualmente, as palmas e o caule da carnaubeira são, também, utilizados na coberta e estrutura de restaurantes luxuosos, situados na orla marítima das capitais nordestinas, a título de decoração.

Marisol sempre foi fascinada pela carnaubeira, planta que lhe é muito familiar, por cobrir grandes extensões de terra, tanto em sua cidade natal como em todo o território do Estado do Ceará. Desde criança, admira o porte elegante da planta, seu caule longo, reto e esbelto; copa frondosa, cheia de folhas em forma de leque, que, tangidas pelo vento, cantam uma melodia monótona e repetitiva, à semelhança das cantigas de ninar.

Todas as partes da carnaubeira são utilizadas. Ela é uma árvore resistente às intempéries do clima nordestino, adaptada ao sol e à chuva. Marisol lembra que, em tempos de produção agrícola escassa, seu pai mandava tirar longos cachos de frutas das carnaubeiras de sua propriedade, para alimentar o gado. As frutas eram trazidas dentro de urus confeccionados com palhas da própria carnaubeira. Umas amêndoas ou carnaubinhas chegavam maduras, com a pele preta; outras ainda verdes, que iam amadurecendo com o passar dos dias. A fruta madura tem a polpa doce e travosa. A meninada, no entanto, adorava comê-la.

As aulas de catecismo aconteciam nas tardes de domingo, no Centro Catequético, situado no quarteirão em que Marisol e Cóly moravam. Hoje, nesse prédio, funciona uma instituição pública. Marisol, passando por lá, sente imensa saudade e tristeza por terem demolido um prédio de tanto valor histórico. Infelizmente, certos administradores se valem do poder e tomam decisões que agridem a Memória de um lugar, de uma cidade, gravada nas casas, prédios e monumentos que foram pontos-chave na construção da cultura de um povo.

Marisol, quando criança, nunca entendeu bem a noção de pecado, pois tinha a mente e o coração distanciados da Maldade. Era obediente, brincava com seu irmão Tom, o caçula, e na maior parte do tempo se entretinha com suas bonecas e com os animais de estimação. Nunca respondia a sua mãe, tampouco a suas irmãs mais velhas, obedecendo-lhes e respeitando-as por serem mãe e irmãs maiores. Ficava triste e ofendida com os apelidos e as zombarias, mas em seu coração generoso não havia lugar para o rancor. Passados aqueles momentos de arenga, ela esquecia tudo.

Quando foi se confessar para fazer a Primeira Eucaristia, não sabia o que dizer ao confessor. Falou das brincadeiras idiotas de suas irmãs que a faziam chorar, de sua zanga por não poder dizer nada, nem sequer responder com a malcriação merecida.

No dia da Missa, Marisol vestiu seu maravilhoso vestido longo e branco, de segunda mão, pois já havia sido usado por uma de suas irmãs, com a mesma finalidade. Colocou o véu e a grinalda de flores, também brancas e entrou em fila na Igreja junto com as outras crianças que iam receber a Primeira Eucaristia. Estava muito faceira em seu traje e feliz por receber Jesus naquele dia.

Assistiu à Missa com atenção e, na hora da comunhão, já não se lembra do que falou a Jesus em seu coração, mas nunca esqueceu da grande alegria que envolveu todo o seu ser. A partir daí, Marisol passou a comungar em todas as Missas a que assistia. E, uma vez por mês, confessava-se para fazer as nove primeiras sextas-feiras, segundo uma promessa feita pelo Sagrado Coração de Jesus, em aparição à Santa Margarida Alacoque, de que as pessoas que se confessassem e comungassem nas primeiras sextas-feiras de cada mês, durante nove meses consecutivos, não morreriam em pecado mortal; teriam assistência espiritual na hora da morte e, assim, seriam salvas.

Sua gratidão por Cóly, a catequista, é imorredoura. Mesmo em sendo hoje, adulta e intelectual, Marisol todas as vezes que a encontra, abraça-a com ternura, chamando-a de minha catequista linda e querida. Permanece o vínculo afetivo entre ambas em que o carinho e o respeito são recíprocos.

XIII

O balé sincronizado dos urubus

Quando criança, Marisol gostava e ainda gosta de observar e apreciar o voo dos urubus. Chama-lhe muito a atenção, ficando em total contemplação, ao ver os urubus planando no ar. Descobriu que eles usam uma técnica especial de voo: ora planam com as asas abertas, sem fazer nenhum movimento, ora abaixam uma asa e levantam a outra, ora dão um voo rasante, ora fecham as asas e caem em voo livre, abrindo-as quando se aproximam do seu ponto de pouso. Assim, fazendo malabarismo circense no espaço aberto, ficam horas e horas deleitando-se com as alturas, usufruindo da brisa e enchendo os pulmões de oxigênio. Deste modo dão imunidade ao corpo, facilitando a digestão da comida em decomposição de que se alimentam.

É provável que essa admiração especial pelos urubus tenha origem em muitas razões: a proibição de diversas coisas, até mesmo a de sentar na praça em frente a sua casa. Igualmente às demais meninas, tinha o desejo de sair por aí com as colegas, de passear pela praça, de dançar e participar das poucas e raras diversões existentes em sua época de criança, adolescência e juventude. Vivia num verdadeiro quartel general. Como não podia sair de casa, ficava horas e horas na janela, olhando o firmamento, desenhando mentalmente figuras no formato das nuvens brancas. Ora via no céu

todo um rebanho de ovelhas e carneirinhos, ora projetava ali ursos e elefantes brancos de tamanho gigantesco, ora via figuras aladas em formato de anjos e, ou, de pássaros com penas enormes, dentre outras imagens que iam se formando com o movimento do vento tocando as nuvens. Ao meio-dia, da janela do oitão de sua casa, observava os urubus; à tardinha via os pássaros voando, titilando e disputando entre eles um lugar para dormir, nas mangueiras da rua e nas árvores dos quintais da vizinhança.

Apesar da fascinação pelos pássaros, os urubus eram os que mais chamavam a atenção de Marisol. Observava cada detalhe de seu voo e sentia desejo de ser também um urubu, para voar bem alto, passear onde quisesse e ver as coisas lá de cima, por entre as nuvens e os raios de sol.

À noite, adorava olhar o céu, contar estrelas, descobrir figuras formadas por elas, como as constelações mais conhecidas: o Sete Estrelo, os Três Pai-Nossos e as Três Ave-Marias, a Arca de Noé, o Cruzeiro do Sul, o Triângulo, a Via Láctea ou Caminho de São Tiago e tantas outras constelações de que não se sabe os nomes. Marisol, também, viu e observou, durante várias noites, o Cometa de Halley, na sua segunda aparição, essa agora bem mais discreta e longínqua.

Refletindo sobre a realidade atual, observa com tristeza e indignação a ação devastadora do Homem, que teima em destruir o meio ambiente, agredindo o Planeta com o desmatamento desordenado, sem fazer a reposição de árvores, perseguindo cruelmente os animais com caçadas e pescarias irregulares e proibidas, poluindo os rios, o mar, o ar, o campo, com o uso de agrotóxicos e tecnologias invasivas, com o dióxido de carbono gerado pelas fábricas e carros, desperdiçando comida, água e energia, sem ter consciência da responsabilidade pelos seus atos, sem entender e, ou, se preocupar

com a Mãe Terra, o lar de todos os seres vivos, que merece ser zelado e bem cuidado por seus habitantes.

No caso dos urubus, estes são os garis da natureza, retirando do meio ambiente (campos e cidades) restos de animais mortos, em decomposição, que poluem o solo, o ar e a água. No caso dos morcegos, dos pássaros e de alguns insetos, são eles disseminadores de sementes no campo, repondo as árvores derrubadas pela ação predadora do Homem, que, à revelia da Criação, só se preocupa com o lucro que o tempo presente pode lhe oferecer.

Hoje, como educadora, é contra a ação malévola do Homem, mediante comportamentos que trazem o desequilíbrio ecológico, contribuindo para ou gerando os grandes desastres do ecossistema que trazem consequências trágicas para toda espécie de vida que habita o planeta Terra. Além dos danos materiais e mudanças climáticas, dão origem ao surgimento de novos vírus e bactérias, resistentes a medicamentos e responsáveis por uma série de doenças ainda não estudadas e controladas pela medicina moderna. Lamentavelmente, o Homem, que se diz o mais inteligente dos seres vivos, está se comportando como o mais terrível predador do Planeta. Marisol segue inquieta, preocupada e atenta à realidade em que vive e apesar do protesto mobilizado por seus escritos, sente-se impotente diante do impacto de tantos problemas que se levantam nos tempos atuais.

XIV

Vestido novo e sandálias velhas

Era de praxe Marisol e suas irmãs ganharem vestido novo para usar no dia da festa da Padroeira Nossa Senhora da Conceição, comemorada a oito de dezembro. As roupas eram compradas por sua mãe, com o dinheiro da renda do carnaubal de sua propriedade, a Tabocas. Sua mãe comprava uma peça inteira de tecido e mandava fazer vestidos para cada uma das seis filhas meninas que viviam sob sua dependência. Era como se fosse um uniforme, identificando-as com rapidez e precisão, entre as demais pessoas que se aglomeravam na praça, durante a festa da Padroeira.

No dia da tão esperada festa, a praça da igreja estava enfeitada com bandeirinhas coloridas, feitas com papel de seda de várias cores, Marisol usaria seu vestido novo durante a procissão em homenagem à Nossa Senhora da Conceição. O cortejo passava bem em frente à sua casa. Já possuía, guardado no armário, o vestidinho cheio de babados, de cambraia, amarelo claro com minúsculas bolinhas pretas. Estava feliz com o vestido feito por sua tia Bel, mas lhe faltavam os sapatos. As sandálias que tinha estavam velhas e muito desgastadas. Então pediu a seu pai um par de sapatos novos. Pediu várias vezes, mas não ganhou. Talvez ele estivesse sem dinheiro, por conta dos trabalhos da fazenda.

No hora da Festa, toda prosa, vestiu seu vestido novo e ficou recostada no tronco de um dos pés de benjamim defronte a casa, esperando, a procissão passar, muito faceira com seus babados, mas aí olhou para os pés calçados nas sandálias velhas e desgastadas. Sentiu tanta tristeza que o entusiasmo foi embora. Seu mundo de fantasias desmoronou-se, começou a sentir enxaqueca. Mesmo assim, esperou a procissão passar, depois entrou em casa, tomou um remédio para passar a dor de cabeça e foi se deixar. Apesar da tristeza, não ficou magoada nem revoltada com seu pai; conformada, por não ter sido presenteada com sapatos novos, apenas entendeu que na vida não se pode ter tudo ao mesmo tempo.

XV

Lã de carneiro

Marisol, na faixa dos nove para dez anos, ganhou um presente do seu pai. Ele lhe trouxe, da fazenda, um carneirinho branco que havia sido enjeitado pela mãe. Ficou muito feliz e se encheu de amores pelo bichinho. Assumiu a *"maternidade"* com muito amor e carinho. Chamou o carneiro de *Nerim*. Durante o dia, dava-lhe leite na mamadeira e, pela manhã, levantava-se muito cedo para dar a primeira refeição do cordeirinho. Era um trabalho um tanto pesado para uma criança de sua idade.

Toda vez que Nerim ouvia sua voz, berrava e vinha para perto dela. Além de alimentá-lo, dava banho e o coloria com anil. Nerim se transformava num floco de algodão, uma bolinha de neve. Marisol o amava mais que tudo na vida.

Infelizmente, ninguém sabe por que, coisas boas duram pouco. Certo dia, Dedé, um dos netos de seu pai, chega à sua casa. Morava numa fazenda e tinha entre quatro e cinco anos de idade. Vendo o lindo carneiro de sua tia Marisol, crescido e quase adulto, pediu que seu avô lhe desse o carneiro de presente. Queria levá-lo para a fazenda onde morava, para cavalgar nele. Seu pai, no impulso de agradar ao neto, tentou negociar com Marisol, alegando que metade do carneiro era dela e a outra metade lhe pertencia. Por isso, se ela abrisse mão de sua metade, ele traria outro carneirinho para ela criar e que este, então, seria todo dela.

Marisol ficou triste. Por nada no mundo abriria mão de seu carneiro, seu *"filho"* do coração. No entanto, por outro lado, não podia desobedecer a seu pai. Com muita dor e dificuldade, aceitou a proposta. Seu carneirinho partiu para uma outra fazenda, com seu sobrinho. Antes da viagem, porém, ela chorando de tristeza tirou alguns fiapos de lã do Nerim e colocou-os numa caixa de fósforos. Assim os guardou por muitos anos, o que era motivo de gozação por parte de suas irmãs. A relíquia do Nerim permaneceu com Marisol até o dia em que ela entrou na Faculdade.

Seu pai cumpriu com a promessa feita. Deu-lhe outro carneirinho branco, que ela cuidou com o mesmo carinho que teve para com o primeiro. Mas, com uma diferença: como já estava mocinha, ficava com vergonha das pessoas todas as vezes que falava e o carneiro lhe respondia berrando. O carneiro cresceu e seu pai teve que levá-lo de volta para a fazenda.

A emoção de criar o segundo carneiro, não podia se comparar à emoção sentida ao criar o Nerim. A dor da perda e a saudade do primeiro carneirinho branco permaneceram no coração da menina Marisol. Era chamada, pela mãe e por suas irmãs, de *"mãe dos desamparados"*. Mesmo depois de adulta e formada, lembra-se disso e se questiona: por que meu pai fez isso comigo, tirando-me uma coisa que era tão importante para mim?

Ao mesmo tempo reconsidera e entende que, tanto seu pai quanto ela, viviam em um contexto social bem diferente dos tempos de hoje. Naquele tempo, não havia o diálogo entre pai e filhos; existia, sim, a autoridade, o respeito e a obediência. O pai decidia e filhos e filhas simplesmente obedeciam sem questionar. Era a época da submissão incondicional aos mais velhos. Época em que os pais sabiam como

dar limites aos filhos. A permissividade de hoje, jamais seria tolerada. Apesar dos excessos, os pais educavam bem: não se via filhos malcriados, tiranos e, ou, revoltados. Ao contrário: os filhos obedeciam, respeitavam e amavam seus pais, porque assim deveria ser.

Compreende que não fora intenção de seu pai fazê-la sofrer, queria apenas agradar ao neto, pois avô é pai duas vezes. Assim, propôs a troca dos animais: Marisol cedendo a sua parte e ele dando-lhe um carneiro inteiro, só para ela. Todavia, o que o pai não soube avaliar foi a intensidade do afeto que Marisol nutria por seu animal e vice-versa, e a profundidade do desgosto que a separação causaria à menina e por que não dizer, ao cordeirinho também.

Com base nessas reflexões, Marisol não guardou rancor de seu pai; conseguiu entendê-lo dentro de seu contexto, nunca deixou de amá-lo, reconhecendo que ele foi o grande incentivador de suas conquistas.

Com veneração, agradece ao pai o estímulo que dele recebeu na infância, quando confeccionava bonecas de pano e roupas de papel crepom e seda para os festivais que realizava com sua irmã Gina, sobrinhas e colegas. Com saudade, carinho e gratidão, recorda-se dele chegando do trabalho e, ao vê-la absorta naquelas atividades, dirigia-lhe um olhar enviesado, com um sorriso preso nos lábios, dizendo: *Esta menina é muito curiosa*. Marisol ficava muito feliz e orgulhosa, pois aquelas palavras, *"menina curiosa"* soavam como o maior elogio recebido em sua infância, dando-lhe segurança para superar-se e vencer nos estudos e na vida profissional. Em sua cabecinha de criança, entendia que a palavra *"curiosa"* significava criativa, perspicaz, inteligente, cheia de imaginação.

XVI

Bonecas na fogueira

Entre a realidade e fantasias, Marisol adorava brincar com bonecas. Ela mesma as fabricava com retalhos, sobras de tecido, enchendo-as com algodão. Confeccionava as calungas com muita perfeição, colocando nelas todos os dedinhos das mãos, o que causava admiração às senhoras amigas e vizinhas de sua mãe. Seu espírito de família era muito arraigado. Nunca fazia uma só boneca; fazia toda uma família, bem tradicional: pai, mãe e dezenas de filhos. Com o passar do tempo, essas famílias iam aumentando, ao ponto de Marisol guardá-las em uma caixa grande.

Em sua brincadeira preferida com as bonecas, fazia-lhes as roupas e festas de aniversário, batizado, casamento, Primeira Eucaristia, preparando a comida em panelas de barro muito pequeninas. O irmão Tom, dois anos mais jovem que Marisol, era seu companheiro e cúmplice fiel. Construía carrinhos de madeira para passear com as bonecas, trajava-se de padre e fazia os casamentos e batizados das bruxinhas de pano.

O entretenimento de Marisol e Tom, com as festas das bonecas, era muito divertido. Passavam horas e horas dedicados a essa brincadeira. Apesar de ser uma brincadeira inocente, a mãe às vezes se irritava, porque os chamava para fazer algum tipo de atividade doméstica, até mesmo para

comer, e eles não a atendiam prontamente, perdendo a hora do almoço ou deixando de fazer algo que ela solicitava.

Por várias vezes, Marisol deixou de atender aos chamados da mãe. Irritada, um dia Dona Severina pegou a caixa com todas as bonecas e as queimou, fazendo com elas uma fogueira no quintal, apesar das súplicas e do pranto da filha. Para completar a ação, Frida, nessas ocasiões, aparecia rindo e mangando de Marisol, dizendo que as cinzas iam ser colocadas nos quatro cantos da sala de jantar e delas nasceriam quatro cachorros, um em cada canto e que assim ela os chamaria: - *Rompe Ferro, Rompe Nuvem, Rompe Vento e Rompe Chuva; vem cá meus cachorros* — à semelhança das histórias de Trancoso, que um empregado de seu pai contava enquanto mexia a farinha no forno grande de alvenaria, quando iam todos de férias para a fazenda.

XVII

Os tios da fazenda

De um modo geral, toda criança gosta de se mostrar, ser alvo da atenção dos adultos, principalmente se ela é a caçula e se sente discriminada no seio familiar. Os tios de Marisol, Rosita e Lourival tinham uma casa vizinha à de seus pais. Vinham da fazenda todos os domingos para assistir à missa, trazendo com eles sua filha adotiva Jacira, da mesma idade de Marisol. Os dias que passavam na cidade eram dias de grande alegria e felicidade para Marisol, porque além de amar os tios, tinha a companhia de Jacira para brincar e conversar.

Logo que os tios chegavam, Marisol saía correndo para vê-los e brincar com a prima, pois eram muito amigas. Tio Lourival gostava de tirar prosa com Marisol, sendo ela muito tímida. Toda vez que o tio chegava da fazenda para passar alguns dias com a família, na casa vizinha à dos pais de Marisol, ela ia correndo pedir-lhe a bênção. Ele a abençoava sorrindo e, frequentemente, dava-lhe de presente uma moeda para comprar pirulitos, o que a deixava muito feliz. Nessa época, o dinheiro era escasso e nunca se via uma criança andar com moedas ou cédulas por aí.

Certo dia, os tios chegaram e Marisol cumpriu o mesmo ritual de sempre. Porém, desta vez, o tio não lhe deu nenhuma moeda, talvez porque não tivesse, naquele momento. Muito tímida e encabulada, Marisol ficou cercando o tio e,

tomando coragem, disse: *Tio Lourival, me empreste um dinheirinho!* Ele achou graça, deu a moeda e depois contou o fato aos pais de Marisol, rindo da astúcia da sobrinha. A mãe a repreendeu e castigou-a, para que nunca mais pedisse dinheiro ao tio, tampouco a outras pessoas.

A surra doeu, mas o que a machucou de verdade foi a gozação das irmãs, principalmente a de Frida, especialista em mangar. Quando menos esperava, Frida, imitando a voz de Marisol dizia: *Tio Lourival, me empreste um dinheirinho!* E repetia a frase várias vezes, até fazer a menina chorar de raiva.

Marisol gostava muito dos tios da fazenda e de sua prima, porque todos eles a tratavam com carinho e respeito. Eram dessas pessoas que, quando conquistam um lugar no coração de alguém, principalmente se for o caso de uma criança tímida e oprimida como Marisol, a lembrança desse carinho fica gravada na alma e na mente de quem o recebeu pelo resto da vida.

XVIII

A madrinha de batismo

Marisol era uma menina muito carente de afeto. Gostava da companhia das pessoas adultas, especialmente daquelas que lhe davam atenção e a tratavam com bondade. Sua madrinha de batismo chamava-se Matilde, era prima de seu pai, vivia na fazenda de seus tios Lourival e Rosita, onde seu marido era professor. Ficou viúva com oito filhos para sustentar. O pai de Marisol a trouxe com os filhos para morar em Cruzada, lugar onde ele residia com a família. Logo que se instalou ali, com os filhos e filhas, várias pessoas deram-lhe apoio, de diversas maneiras: cedendo casa para morar, enviando donativos para ajudar na manutenção da família, etc. Ela retribuía os benefícios com a prestação de serviços domésticos. Era uma mulher franzina, mas muito corajosa e trabalhadora.

O vigário da Paróquia a contratou como zeladora da Igreja Matriz e do Instituto, a primeira escola particular construída em Cruzada, onde filhos ilustres da cidade iniciaram seus estudos. Atualmente, o prédio está sendo reformado pelo vigário em exercício. Sua arquitetura e finalidade social foram descaracterizadas, causando descontentamento na população, principalmente, nas famílias tradicionais que contribuíram para a construção do imóvel original e que o consideram um legado histórico e cultural do primeiro

pároco de Cruzada, cuja memória é guardada com respeito e veneração.

A madrinha de Marisol exerceu o cargo de zeladora por vários anos. Era um trabalho muito duro para uma mulher franzina: varrer a igreja e o Instituto, limpar os bancos de madeira, enormes e pesados. Mas com esse trabalho rústico, ela conseguiu, com muita garra e perseverança, sobreviver dignamente e educar sua prole.

Quando os filhos cresceram e se tornaram independentes, ela já estava com a idade avançada, bastante cansada, necessitando de repouso. Foi morar em Fortaleza com sua filha mais velha, que cuidou dela com muita dedicação e carinho. Viveu ainda bastante tempo, falecendo aos noventa e quatro anos, feliz e agradecida a Deus e às pessoas de quem recebeu ajuda em momentos mais difíceis.

Marisol a tinha como exemplo de mulher e sempre recebia da madrinha um sorriso, uma palavra de carinho. Percebia que sua madrinha também a amava. Depois que foi morar em Fortaleza, Marisol enviou-lhe uma foto de sua formatura no Curso Normal Pedagógico, que acabara de concluir. Segundo a filha caçula, sua madrinha Matilde ficou muito feliz e guardava a foto com tanto zelo e carinho como se fosse a de uma santa.

Foram essas pessoas simples, humildes e amorosas, que embelezaram a infância de Marisol, com o carinho que sentia pelo irmão Tom e, a dedicação que dispensava aos animais de estimação e às suas bonecas. O pano de fundo de sua vida foi sendo tecido com fios de seda e ramos de ciprestes, dando forma aos traços convergentes e divergentes de sua personalidade: forte e sensível; tímida e ousada; meiga e enérgica; recatada e audaz.

XIX

Nina

Nina era moça-velha, solteira e virgem. Dedicou sua vida ao cuidado dos familiares idosos. Primeiro cuidou do pai. Quando este faleceu cuidou da mãe. Com o falecimento de sua mãe, cuidou da irmã mais velha que também faleceu. A próxima a falecer foi Nina, restando ainda duas irmãs solteiras e idosas, que foram morar com parentes em outra cidade.

Nina e seus familiares velhinhos viviam numa pobreza franciscana. Não tinham renda. Nesse tempo não existia a aposentadoria do FUNRURAL, nem o auxílio-doença do INSS, nem o Bolsa Família e nenhum outro tipo de ajuda patrocinado pelo Governo. No entanto, as famílias tradicionais, quando assoladas pelo infortúnio da pobreza, sofriam com dignidade. Quando recebiam alguma ajuda financeira, esta era dada por pessoas conhecidas e, ou, familiares remediados que sabiam de suas necessidades.

Nina, apesar de ser uma donzela prendada, de boa família, tendo rejeitado propostas de casamento com bons pretendentes, parecia ter sido predestinada a socorrer os seus na velhice. Devido à precária condição financeira em que a família vivia, Nina, com toda dignidade, ia à casa dos parentes e conhecidos mais abastados pedir ajuda (esmolas), para não deixar a família morrer de fome. Em algumas casas era

bem recebida, em outras humilhada, mas não desistia de sua espinhosa missão. Quase diariamente, à noitinha, passava na casa de Marisol e pedia à mãe dela para que deixasse a menina acompanhá-la ao mercado, comprar querosene para a lamparina e, ou, alguma outra coisa para o jantar.

Com o consentimento da mãe, Marisol ia com ela e sempre ganhava um agrado: uma broa de goma, uma folha de papel de seda para fazer saia de festival, um pirulito etc. Marisol gostava da prima velha, não só pelos agrados que recebia, mas, sobretudo, porque ela a tratava com carinho. A senhora Vânia, outra madrinha de Marisol, era irmã de Nina e morava na cidade de Massapê, casada. Vivia muito bem, financeiramente.

Marisol sonhava com a ida a Massapê para ver a madrinha. Nina lhe prometera que, em dezembro, depois da Festa da Padroeira, iria a Massapê e a levaria com ela. Marisol pulou de alegria, contando meses, dias e horas, para chegar a festa da Padroeira. Todavia, este dia tão esperado nunca chegou. Um tanto decepcionada com a promessa não cumprida, Marisol foi crescendo, ficando mocinha, até que perdeu de vez a esperança do tão sonhado passeio.

Nina, além da responsabilidade de cuidar da família, sofria de uma doença terrível. Em determinada época do ano, um tipo de alergia se alastrava por todo o seu corpo. Coçava-se muito e seu corpo se abria em feridas. À época, não havia como tratar da doença, devido à falta de recursos financeiros e também pela carência de assistência médico-hospitalar.

Nina foi uma das pessoas mais incríveis do mundinho de Marisol. Uma lembrança feita de admiração, carinho e apreço.

XX

Rolimã

Na infância de Marisol, os brinquedos industrializados eram escassos, tanto pela falta de fábricas quanto de dinheiro para adquiri-los. Porém, sua criatividade, a dos irmãos e também de outras crianças e adolescentes da época, era inusitada. De um modo geral, os brinquedos eram fabricados artesanalmente, pelo próprio interessado em com eles se divertir.

As meninas confeccionavam bonecas de pano, brincavam de casinha, de ciranda; os meninos corriam empurrando rodas de bicicleta com um arame grosso, dobrado numa extremidade. Confeccionavam carrinhos de madeira, cavalos de pau, piões, ioiôs, pipas, baladeiras, petecas, barquinhos de papel que colocavam a navegar no rego formado pela água da chuva dentre outras peripécias produzidas pelo gênero masculino. As brincadeiras: pular na corda, pular macaca (hoje amarelinha), pega-pega ou esconde-esconde eram praticadas por meninos e meninas.

Certo dia, Jobim, irmão de Marisol, ainda adolescente, construiu com muita dificuldade, sem as ferramentas e materiais apropriados, um carro de madeira, medindo aproximadamente 50 cm de comprimento por uns 25 ou 30 de largura. O carro tinha boleia, carroceria e as quatro rodas com feixes de mola feitos de barras de arame chato que amarravam

caixotes de embalagem. Jobim mandou que Marisol sentasse na carroceria e, puxando o carrinho com uma corda presa à boleia, começou a dar voltas no quintal e várias outras em torno da boca do cacimbão. A brincadeira estava divertida, mas quando sua mãe viu aquilo, mandou que Jobim parasse e com um machado destruiu o carrinho que havia dado tanto trabalho para construir.

Jobim e Marisol ficaram muito tristes e humilhados com a atitude da mãe. Mas, o que fazer se a realidade em que viviam era aquela? Nada de brincadeiras, só estudo e trabalho. Este é o perfil da formação que Marisol e seus irmãos e irmãs receberam: obediência, estudo e trabalho.

XXI

O pé de papoulas

Mergulhada em sua solidão de criança atormentada e incompreendida, Marisol buscava refúgio no quintal de sua casa, sob as árvores, onde se entregava de corpo e alma às brincadeiras, dando asas à criatividade.

Havia um frondoso e bonito pé de papoulas vermelhas, da espécie popularmente conhecida por *"candelabros"*, em virtude do formato de suas flores, cujas pétalas eram crespas e se dispunham para cima, enquanto que, o pistilo coberto de pólen amarelo voltado para baixo formavam conchas à semelhança dos candelabros. Sob essa árvore tão acolhedora, Marisol construiu uma casinha para brincar de boneca. Primeiramente, teceu finas tranças com palhas de carnaubeira. Em seguida costurou as trancinhas em forma de rede e armou-a em dois galhos do pé de papoulas. Lá, passava várias horas do dia, brincando com as bonecas, estudando as lições que trazia da escola, dando aula para uma turma de alunos imaginários e fantasiando conversar com um casal de amigos, recém-casados. A esposa chamava-se Leda, uma jovem bonita, sua vizinha e amiga, que acabara de concluir o Curso Normal. O esposo havia sido professor dela. Leda, quando gozava férias escolares, sempre colocava Marisol no colo, penteava-lhe os cabelos e ensinou-lhe a declamar uma linda poesia, jamais esquecida, cujos versos eram repetidos pelas crianças de sua geração.

Batatinha quando nasce
Espalha ramas pelo chão,
Marisolzinha quando dorme
Põe a mão no coração.
A mamãe é uma rosa
Que papai escolheu,
Marisolzinha é uma flor
Que a roseira deu.

Entre uma e outra brincadeira, em sua casinha debaixo do pé de papoulas, Marisol estudava e fazia suas tarefas escolares. Aluna aplicada, conquistava sempre o primeiro lugar entre os colegas de turma. Assim foi durante toda a sua jornada estudantil. Levava uma vida simples, mas que não era monótona. Sua criatividade fazia com que superasse as arengas de suas irmãs e as surras que levava, algumas vezes sem saber o motivo, outras vezes por coisas sem importância, como revidar as implicâncias, sem muita chance de vencer, pois, em sendo a caçula, tinha por dever respeitar e obedecer a todos os irmãos e irmãs que nasceram antes dela. Com tudo isso, relembra sua infância com saudades, sentindo-se feliz ao recordar seu despreocupado tempo de criança e menina-moça.

XXII

O estranho presente de Natal

Quando Marisol tinha aproximadamente sete anos, sua irmã Nicéia, que era casada e morava num povoado da região, veio com duas filhas passar o Natal na casa de seus pais. Marisol tinha o hábito de, pela madrugada, urinar dormindo. Colocava as pernas para fora da rede e fazia xixi. Nicéia dormia no mesmo quarto, com as duas filhas. Tarde da noite, a filha mais nova começou a chorar e a mãe acordou para acalentá-la. Marisol, dormindo, colocou as pernas para fora da rede e começou a urinar. Nesta ocasião, Nicéia deu-lhe uma grande palmada, para que acordasse. Assustada, Marisol imediatamente parou de urinar; levantou-se atordoada e foi procurar o urinol dentro do quarto, para completar o xixi iniciado.

Ao se aproximar o Natal, todos falavam dos presentes trazidos por Papai Noel. Marisol teve a ideia de dar um presente diferente a sua irmã Nicéia. Pegou um cocô seco, de jumento, em forma de uma grande castanha, que encontrou no quintal, enrolou-o em papel de presente e, na Noite de Natal, colocou o embrulho debaixo da rede de Nicéia, quando ela já estava dormindo. No dia seguinte, ao ver o pacote, Nicéia o desembrulha. A confusão foi grande. Acusaram Tom e este foi castigado. Marisol, mesmo com muita pena de seu irmãozinho, ficou calada, com medo da surra que ia levar. Só muito depois, adulta, passado o perigo de apanhar, revelou

que havia sido ela que colocara o *"presente"* de Natal debaixo da rede da Nicéia.

Os anos passaram. Ainda hoje, Marisol se questiona se a travessura foi revide da palmada que levou da Nicéia, quando estava fazendo xixi na rede enquanto dormia, ou se foi peraltice, uma brincadeira ingênua, sem intenção de magoá-la, só para provocar risos entre ela e suas irmãs. Talvez sim, talvez não, mas a atitude de Nicéia foi estúpida e irracional. Ela não tinha o direito de agir assim nem com as próprias filhas, quanto mais com sua irmã caçula, que ainda era uma criança, sabendo que sua reação poderia aumentar os problemas emocionais que Marisol já enfrentava, causados pelas arengas e discriminações de que era vítima em sua casa.

XXIII

Briga de soldados

Numa manhã de segunda-feira, Marisol estava em casa quando sua irmã Nicéia chegou dizendo que o Jobim tinha sido baleado por um soldado. A mãe tinha ido à casa da lavadeira de roupas, que ficava bem distante, próximo ao cemitério. Era preciso subir um alto cheio de pedrinhas brancas e redondas, que machucavam muito os pés.

Nicéia ordenou que Marisol fosse chamar a mãe. Marisol saiu descalça, correndo até a casa da lavadeira. Avisou sua mãe do ocorrido. Imediatamente, Dona Severina voltou para casa, segurando Marisol pelo braço. Estavam tão assustadas e aflitas que, quando foram atravessar a rua para chegar a casa, Marisol recuou, sem querer andar. A mãe segurou-a forte pelo braço e juntas cruzaram a rua. A menina estava com medo das balas, temendo que os soldados ainda estivessem atirando.

Ao se aproximarem da casa, Jobim e Railson iam chegando. Jobim ferido no braço esquerdo, com a bala ainda encravada. O pai de Marisol, que estava na fazenda trabalhando, foi avisado e veio imediatamente. Alugou um carro e mandou Jobim para extrair a bala na Santa Casa de Misericórdia, na cidade de Sobral. A sorte é que a bala estava alojada entre os ossos do punho e não havia atingido nenhum órgão que trouxesse risco de morte para Jobim.

Um dos dois soldados, no domingo anterior, dera um chute na boca de Leonam, empregado do pai de Marisol, que estava embriagado. A bota do soldado perfurou-lhe o lábio inferior. Leonam era uma pessoa pacífica, quando bebia não mexia com ninguém, apenas ficava mais sorridente. Os soldados, ao tomarem conhecimento de que os dois irmãos de Marisol não haviam gostado da atitude perversa de um deles para com Leonam, atacaram a tiros Jobim e Railson, na manhã da segunda-feira seguinte. Eles se defenderam das balas como puderam, munidos apenas com uma varinha que Railson tinha na mão. A confusão foi em frente à casa do senhor Clécio. Seu tio Abner e o Sr. Clécio entraram na briga para defender os irmãos de Marisol. Felizmente, não aconteceu o pior e todos saíram ilesos, exceto Jobim, que recebeu um tiro no punho esquerdo.

Logo após o ocorrido, o pai de Marisol mandou um telegrama para seu cunhado Nicolau, que morava em Acaraú, comunicando o fato e pedindo que fossem tomadas as providências junto ao Delegado, cujos soldados eram subordinados à delegacia daquela cidade. No mesmo dia, uma viatura da polícia veio e os levou presos.

O pai de Marisol, no entanto, ainda assim não se conformou com a agressão feita a seus filhos e que lhes poderia ter tirado a vida. Também estava revoltado com a perversidade com que trataram seu empregado Leonam. Usou, então, de sua influência política para que os soldados fossem expulsos da corporação, o que ocorreu de forma muito rápida.

Marisol ficou muito traumatizada com o ocorrido envolvendo seus irmãos, o empregado de seu pai e, principalmente, com o fato de Jobim ter sido baleado, sofrendo ao pensar na possibilidade de um ou os dois irmãos terem morrido. É muito difícil para uma criança, de coração puro, assimilar a atitude brutal dos adultos.

XXIV

Queda de rede

Marisol finalmente entrava na adolescência. A ingenuidade da infância ia sendo substituída por mecanismos de defesa contra as humilhações e a discriminação que a faziam sofrer. Todas as irmãs tinham direito de ficar sentadas na calçada, à noite, até mais tarde, participando das conversas dos amigos e vizinhos que ali se agrupavam. A mãe de Marisol não lhes dava permissão para que ela e seu irmão, Tom, ficassem no meio dos adultos até mais tarde. Por volta das sete horas, mandava que fossem dormir, mesmo que não estivessem com sono. Marisol sentia medo de ir dormir sozinha e rezava para seu Anjo da Guarda, para Nossa Senhora, mas o sono custava a chegar.

Certo dia, ficou no quarto acordada, com muito medo. Foi quando teve a extravagante ideia de amarrar, com uma palha de carnaubeira, o punho da rede de sua irmã Malu, que estava com o namorado na calçada, vigiada por toda a família. Passados alguns minutos, adormeceu, acordando mais tarde assustada com um verdadeiro alvoroço no quarto vizinho. Falavam alto e choravam. Malu, a mais velha das irmãs solteiras, ao sentar na rede levou uma bruta queda e acusou a irmã Frida, mais nova do que ela. Dormiam no mesmo quarto e, vez por outra, entravam em desavença.

Frida levou uma surra da mãe por causa da queda de Malu. Marisol assistiu ao desfecho e ficou quietinha na sua

rede, fingindo que estava dormindo. Mesmo com remorso, só descobriu a façanha anos depois, quando passou o perigo de ser castigada pelo ocorrido. A coisa não tinha sido feita por maldade; era uma espécie de brincadeira que, certa vez, viu seu irmão caçula e os amigos fazerem entre eles, com a rede muito baixa, quase arrastando pelo chão.

Mais tarde, quando Marisol ficou adulta, muitas vezes se perguntou: Por que tive aquela ideia maluca? Foi o medo de ficar sozinha? Foi desforra por me terem tirado o direito de ficar na calçada? Foi vingança pelas humilhações que me faziam passar? Ou simplesmente foi a insensatez de quem não sabe avaliar as consequências de uma queda de rede? Ela, sempre tão tímida e submissa, nunca soube detectar claramente o motivo que a levou a ter aquela atitude. Mas, de uma coisa tinha certeza: era vítima indefesa de apelidos e de mangação constantes. A irmã Frida e o irmão Railson eram os que mais a irritavam até fazê-la chorar.

XXV

Estudando Acordeom

Marisol sempre gostou de estudar e de ler. Era uma aluna muito aplicada, obtendo nota dez em quase todas as disciplinas e conquistando o primeiro lugar entre os alunos de sua turma. Mensalmente, recebia da Irmã Superiora do Colégio onde estudava várias medalhas: uma de aplicação nos estudos por obter o primeiro lugar e outra por obter nota dez em Religião e ainda outra por bom comportamento. Embora tímida, era atenciosa com os professores e professoras e a todos tratava com respeito e compostura.

Devido ao bom desempenho nos estudos, a Superiora do Colégio disse-lhe que era aconselhável que ela fosse transferida da terceira série do ensino primário, que estava cursando, e matriculada no segundo semestre do Curso de Admissão, pois, na opinião da freira, estava perdendo tempo, uma vez que tinha base para cursar aquela série. Quando a Superiora lhe disse isto, ela ficou insegura sobre o que responder e pediu que a Irmã falasse com sua mãe. Marisol tinha medo de fazer alguma coisa sem o consentimento dos pais.

A Superiora falou com a mãe de Marisol e esta aceitou a transferência da menina do primeiro semestre da terceira série primária para o segundo semestre do Curso de Admissão. Marisol, mesmo sendo muito estudiosa, ficou apreensiva

com a responsabilidade de cursar duas séries acima da que vinha cursando. Dedicou-se mais e mais aos estudos e logo no primeiro mês de aula, tirou o primeiro lugar na turma do Admissão, deixando seus colegas, principalmente os meninos, desapontados. Com essa disposição, em apenas um ano, Marisol concluiu o curso primário e foi aprovada nos exames de admissão ao Ginasial, a ser cursado no ano seguinte.

Um fato muito interessante aconteceu com ela quando estudava História Geral, durante o curso de preparação ao Exame de Admissão. Sua curiosidade foi aguçada pela cultura dos Incas, dos Maias e dos Astecas, habitantes nativos do Peru, Guatemala, México e países da América Central.

Marisol, em determinado dia em que estudava as culturas Maia e Asteca, preparando-se para uma prova parcial, viajou em pensamento até o México e viu-se como parte integrante daquele contexto. Sentiu um desejo intenso de conhecer culturas indígenas mais evoluídas. Naquele momento, Deus e, ou, as forças do universo selaram seu destino. Mais tarde, ela iria ter contato com as culturas Maia e Asteca, no México e na Guatemala, assunto este, que ainda daria muita história para contar.

O destino é poderoso; às vezes trabalha a nosso favor, às vezes contra. Os planos de Deus são insondáveis e a capacidade humana impotente para penetrá-los e compreendê-los, de imediato. Apesar de tanta dedicação aos estudos, Marisol teve que ficar parada sem estudar durante um ano, perdendo assim dois semestres de estudos, pois não havia alunos em quantidade suficiente para formar a turma do terceiro ano ginasial na cidade onde morava.

A Superiora do Colégio, responsável pela ideia de aceleração nos estudos, pulando do primeiro semestre da terceira série do curso primário para o segundo semestre do Curso

de Admissão, arranjou para que ela estudasse acordeom em Sobral, ficando interna no Colégio das Irmãs de Caridade, ordem a que a Irmã Superiora pertencia. Em Sobral, Marisol estudou música, piano e acordeom. Aprendeu a tocar várias canções, sempre de olho nas partituras. Conhecia bem as claves musicais, as notas e seus valores, os compassos e os ritmos. Gostava muito de tocar valsa, baião e xote.

Em Sobral, já nos últimos dias de sua permanência naquela cidade, conheceu um rapaz. Chamava-se Cesário. Com ele teve um namorico, às escondidas das Irmãs do colégio de Sobral, principalmente da Irmã Anita, irmã consanguínea da Madre Clarissa, Superiora do Colégio de Cruzada. Logo que voltou para casa, Cesário lhe enviou duas cartas, mas nunca as respondeu, pois sua irmã Magda ficou no seu pé, dizendo que ia contar para sua mãe. Reprimida e tímida como sempre fora, teve medo de ser castigada.

Marisol, por algum tempo, continuou estudando acordeom, interrompendo seus estudos com a morte de seu irmão caçula, Tom, num terrível acidente que a deixou traumatizada por toda a vida. Depois da morte de Tom, Marisol nunca mais pegou numa sanfona. Anos depois, comprou um órgão elétrico, mas quase não o utilizou, por falta de tempo.

Ao concluir o Curso Ginasial, foi oradora da turma, na solenidade de colação de grau, lendo o discurso de sua autoria, marcado pelo entusiasmo, alegria, gratidão, sonhos e esperanças de seguir seus estudos com êxito.

XXVI

O cacimbão

Na adolescência, seu interesse pelas bonecas começou a declinar. Observava que as colegas de sua idade levavam outro estilo de vida: passeavam, iam a festas dançantes, tinham namorados, enquanto ela continuava a somente ter permissão para ir à escola e à igreja. Sentia-se diferente das outras e isto não lhe agradava. Queria ser como as garotas a sua volta. Lia muitos romances de José de Alencar, M. Dely, Machado de Assis, Graciliano Ramos e outros livros que falavam de amor. Sob a influência das leituras e do que ocorria com suas colegas, os sonhos românticos de encontrar um amor despertaram em seu coração. Em seus devaneios imaginava-se ao lado da pessoa amada, em noite clara de luar sentada na calçada, admirando a lua que tanto apreciava. O amor que sentia era platônico, pois os pretendentes que se manifestavam eram seus primos, e talvez pela proximidade dos laços sanguíneos, ela ignorava os galanteios e dispensava a rapaziada.

Certo dia, a senhora Severina, sua mãe, estava regando uns pés de *ficus-benjamim* em frente a casa, para que enramassem e dessem sombra na calçada. Nessa ocasião, passou Carlos, um rapaz de uns 30 anos, conhecido e amigo da família. Cumprimentou-a. Falando de plantas, a título de puxar conversa, como era costume entre os rapazes da época, começou a conversar com Dona Severina. A senhora, após

alguns minutos de prosa com Carlos, disse (com ar zombeteiro) que regava aquelas árvores para que, quando crescessem dessem sombra na calçada, e ele pudesse namorar a Marisol, que nessa época, era uma menina-moça.

Algum tempo depois, antes mesmo que as plantas dessem sombra no trecho da rua, Marisol com seus quinze ou dezesseis anos, foi cortejada por Carlos, mostrando-se entusiasmada, por influência das colegas. Ela, porém, tinha receios de que sua família não permitisse o namoro, porque ele, apesar de pertencer a uma família tradicional e ser bastante trabalhador, era alcoólatra, ou seja, era um homem independente, mas preso ao vício da bebida. Nos fins de semana se embriagava, principalmente quando havia festas dançantes na redondeza.

Marisol e Carlos encontraram-se uma única vez. Como ela havia previsto, quando a notícia chegou aos ouvidos de sua mãe, esta foi contra. Suas irmãs começaram a criticar, a mangar e pôr apelidos em Marisol. Esta se viu tão atormentada que disse que ia se jogar no cacimbão. Estando no quintal quando falou isto, sua mãe e suas irmãs a empurraram até a boca do cacimbão. Em lá chegando, Marisol firmou as pernas e não deu mais um passo. Então a deixaram lá, mas continuaram atormentando-a e contando o ocorrido para todas as pessoas conhecidas, inclusive para a Irmã Clarissa, Superiora do Colégio onde Marisol estudava. A Irmã Clarissa chamou-a e aconselhou-a a desistir do namoro. Marisol ficou muito envergonhada e com uma ponta de raiva, pois não estava loucamente apaixonada por Carlos como sua mãe, suas irmãs e a freira pensavam.

Carlos soube do que havia acontecido próximo ao cacimbão através de Zezé, amiga de Marisol e, por intermédio dessa mesma amiga, mandou convidá-la para fugir com ele,

dizendo que fugiriam em seu caminhão e que levaria com ele um revólver. Marisol rejeitou a proposta e terminou o namoro, não por medo da reação da família, mas porque não estava verdadeiramente enamorada do pretendente. Pouco tempo depois, ele casou com uma moça de uma cidade vizinha, deixou de beber, constituiu família e foram muito felizes.

Hoje, Marisol reconhece que a recordação de cada um dos fatos ocorridos durante sua meninice, adolescência e juventude são fragmentos do grande pilar que sustenta e solidifica a base de sua história de vida, a qual continua sendo escrita dia a dia, constituindo-se num imenso, diversificado e colorido mosaico, desenhado com formas definidas e variadas e pintado em cores fortes e tênues. Desenhos e cores se entrelaçam, formando um todo sólido e compacto de experiências vividas, de desejos e ideais realizados, de encantos e desencantos, de dificuldades e sucessos, de tristezas e alegrias, de sonhos e esperanças, enfim, de realizações pessoais presentes em todas as fases de sua existência.

XXVII

A saia plissada

Na fase entre a adolescência e a juventude, Marisol conheceu outros sentimentos próprios da idade. Seu coração, agora sim, despertava para o amor. Como era muito tímida, seu amor platônico ficava bem escondidinho no fundo de seu terno coração. Junto com o amor veio também a inevitável vaidade feminina. Gostava de se enfeitar, vestia roupas e sapatos novos, arrumava os cabelos e usava acessórios. Sua irmã Gilda era costureira. Marisol ajudava no acabamento das peças e sua irmã lhe dava cortes de tecido, para fazer vestido, blusa ou saia.

Certa vez, ao receber de sua irmã um corte de uma seda chamada tafetá, de cor azul-celeste, Marisol fez uma saia de pregas, plissando-a com um produto que ajudava as pregas a não se desfazerem rapidamente. Quando terminou de fazer a saia, guardou-a com todo o cuidado no fundo de sua mala, esperando a oportunidade de vesti-la. Fez também uma blusa de renda, cor de pérola, que, com a saia, formava um conjunto perfeito.

Magda, sua irmã quatro anos mais velha, pediu para vestir o conjunto em primeira mão. Marisol, por ser mais nova, que assim rezava a tradição, atendeu ao pedido, mas a contragosto. Perdeu, então, a satisfação de estrear seu conjunto de saia plissada e blusa de renda, feito por ela com tanto esmero.

No dia em que Marisol usou seu conjunto para se encontrar com as colegas na calçada de sua casa, elas pensaram que ela estava vestindo a roupa usada de sua irmã Magda. Para uma jovem de sua idade, isto era muito humilhante, ainda mais porque tudo vinha acompanhado de comentários discriminatórios.

Esse fato põe em evidência os estragos que o autoritarismo, o medo e a falta de sensibilidade de outros fazem na formação das pessoas tímidas, tornando-as submissas e sem opções, além de acarretar grandes prejuízos para a construção de relações sociais sadias e duradouras. Hoje, felizmente, Magda é a irmã com quem Marisol se relaciona melhor; Magda é muito generosa, ajudando a todos da família que estão com algum tipo de dificuldade.

XXVIII

O teatro e outras artes

Marisol, como toda pessoa do signo de Gêmeos, tem aptidões e talento para a literatura e as artes, de modo geral. Durante o ano letivo no Colégio das Irmãs de Caridade, onde estudava, eram comemoradas com sessões solenes, festivais e, ou, peças teatrais, as principais datas do calendário religioso e civil, além daquelas tradicionalmente festejadas: Dia das Mães, Festas Juninas, Dia do Ancião, Dia da Árvore, Festa da Padroeira, entre outras.

Dentre as solenidades acontecidas nesses dias, havia algumas que mais se identificavam com Marisol, por sua implicação intelectual, artística e folclórica, como no caso das festas juninas, comemoradas todos os anos durante o mês de junho, tendo como ponto central as quadrilhas, dançadas com trajes regionais, em volta da fogueira e comes e bebes tipicamente nordestinos.

Nessas festas, Marisol se vestia com trajes de matuta para participar da quadrilha e da festa dançante. Só tinha a liberdade de participar porque eram festas promovidas pelo Colégio em que estudava, onde se destacava como uma das organizadoras desses festejos. Era um momento de muita euforia. Divertia-se bastante, alegre e feliz, identificando-se muito com o folclore de sua terra, mormente com o mês de junho, mês de seu nascimento.

O Natal era a festa mais importante, por seu caráter religioso e universal. Nele eram apresentadas cenas teatrais conhecidas como Pastoril, destacando fatos do nascimento e primeira infância de Jesus. Peça dividida em vários atos, mostrando aspectos da realidade religiosa e política daquela época, de permeio com passagens bíblicas, tais como a luta dos anjos bons liderada pelo Arcanjo São Miguel, contra o exército de Lúcifer, o anjo mau; a anunciação feita pelo Arcanjo Gabriel à Virgem Maria; o nascimento de Jesus numa manjedoura, adorado pelos anjos, pastores e animais; a visita dos Reis Magos, a dança das ciganas, a matança dos inocentes por ordem do Rei Herodes, a fuga da Sagrada Família para o Egito, etc.

Na apresentação do Pastoril, Marisol representava três papéis: o Arcanjo São Miguel, lutando contra Lúcifer, uma cigana entre as várias que dançavam a dança do fogo, folclore típico da etnia zíngara, como um dos artifícios que complementavam e enriqueciam a lenda e a festa de comemoração ao nascimento de Jesus. Por último, representava o papel de mulher do Rei Herodes, chorando em desespero com o próprio filho degolado em seus braços, acusando Herodes de assassino.

Ela vivenciava esses papéis com tanta arte que comovia toda a plateia. Fazer teatro era uma das coisas de que mais gostava, pois sentia que tinha talento. Tanto escrevia peças quanto interpretava personagens e ensaiava as cenas com os demais atores.

Certa feita, havia chegado à cidade um circo, cujo repertório de apresentações incluía, além dos malabaristas e do palhaço, representações teatrais. Era o mês de maio e Marisol estava no colégio ensaiando com as colegas de turma uma peça teatral, que ela própria havia escrito, para apresentar

no Dia das Mães. Depois do ensaio, aproximou-se dela um rapaz que fazia parte do elenco do circo e lhe perguntou:

– *Você estudou Arte Dramática?*

Ela ficou surpresa com a pergunta e respondeu simplesmente:

– *Não.*

Ele, olhando bem dentro dos olhos dela, disse com muita ênfase:

– *Você representa muito bem!*

Marisol agradeceu e ficou muito contente, pois era a primeira vez na vida que ouvia falar em Arte Dramática; ela nem sabia se existia essa modalidade teatral, mas sempre soube que, se tivesse tido oportunidade, teria sido uma grande atriz, pois, na época, além das dificuldades para realizar esse tipo de estudo, havia muitos preconceitos quanto à profissão artística, de um modo geral. Moça de família não poderia ser atriz nem cantora de rádio. Ficava mal falada.

No final do curso secundário, noite de Natal, no momento em que estava sendo apresentado o Pastoril no Colégio das Freiras, Marisol estava nos bastidores esperando a "deixa" para entrar em cena, quando de repente viu seu irmão mais novo, o caçula dos homens, seu amigo e parceiro de brincadeiras e folguedos, sendo carregado por dois de seus colegas Beni e Tairam. Perguntou o que estava acontecendo e lhe disseram que ele estava bêbado. Marisol teve muita pena do seu irmão e pensou no desgosto que sua mãe e seu pai sentiriam, ao tomarem conhecimento do fato. Pensou, ainda, na repreensão e no castigo que seu irmão iria receber quando ficasse sóbrio. A tristeza se apoderou dela e, do fundo de seu coração, mentalmente, murmurou uma prece, criada naquela hora, de forma muito espontânea.

"Jesus se é de meu irmão se tornar um viciado em bebidas, dar desgosto a meus pais e sofrer depois com as consequências do vício, leva-o em boa hora".

Isto aconteceu na noite de 25 para 26 de dezembro de 1964, bem na hora em que se realizava o Pastoril. No dia 26 de janeiro do ano seguinte, 1965, um mês depois, veio a grande tragédia: Tom morreu em consequência de um acidente, caindo de uma mangueira quando brincava com os mesmos colegas que o carregaram bêbado naquela noite de Natal. Tom, ao sair para se encontrar com os amigos — Marisol estando a tocar acordeom — ele pediu que ela tocasse "Réi Macho", música de Luiz Gonzaga, grande sucesso nas comunidades nordestinas.

O trágico acontecimento, que resultou na morte de Tom, deixou Marisol muito impressionada, tanto pela dor da perda do irmãozinho querido, quanto pela angústia que a fez se sentir culpada por ter feito aquela oração na noite de Natal, na hora em que ia entrar em cena. Por outro lado, pensava no que sempre ouvira de sua mãe: *"que se era de seus filhos terem uma sorte ruim, preferia que Deus os levasse em boa hora"*. Na realidade, dissera aquilo baseada nas palavras de sua mãe, ao ver seu irmão bêbado, sendo carregado como morto pelos colegas.

Desde os tempos de Colégio, suas aptidões artísticas levaram-na a escrever poesias, crônicas e a se iniciar na arte de tocar piano e acordeom, aprender a costurar e a desenvolver várias técnicas de artesanato, como bordado à mão, renda de almofada, picote de papel para fazer toalhas, saias e bandeirinhas para os festivais dos quais participava, flores artificiais com papéis de revista, pinturas em quadros,

pedras e jarros de barro. A iniciação nessas habilidades serviu para que desenvolvesse o raciocínio lógico e ampliasse a criatividade, mas, devido a muitos fatores, essas aptidões artísticas não chegaram a ser determinantes na escolha de sua profissão.

XXIX

Tragédia anunciada

Certo dia, ainda no miolo da adolescência, Marisol viveu aquele momento em que os sonhos afloram delirantes, sem limites; o mundo é uma festa, encantador, uma casa de brinquedos sem mistérios, cor de rosa. Foi precisamente em meio a esse clima de devaneio que Marisol teve a premonição de um acontecimento que exibiria, aos olhos de sua família e da população local, uma cruel realidade.

Em uma tarde do mês de janeiro, no início do período chuvoso, que no Nordeste do Brasil é falsamente chamado de inverno, por volta das dezoito horas, Marisol estava sozinha em casa, na cozinha, recostada na porta que dava saída para o quintal, absorta em divagações sonhadoras. De repente, vem-lhe à cabeça um pensamento sinistro, surgido do nada. Numa fração de segundo formulou a frase:

– *Se Tom morresse, como seria?* Ao mesmo tempo sentiu-se aflita e, na imaginação viu a casa cheia de gente.

Ao se dar conta da terrível premonição, afastou-a imediatamente. Poucos dias depois, talvez o tempo correspondente a uma semana, aconteceu o inesperado: o fatal acidente da mangueira que vitimou Tom.

O dia era 26 de janeiro de 1965. Tom morreu com apenas 16 anos. Caiu do galho de uma mangueira da praça, onde havia subido com os dois amigos que o carregaram bêbado

na Noite de Natal do ano anterior. Marisol estava em casa estudando as lições de acordeom, quando ele passou pela sala onde estava tocando, e disse: *Toca o "Véi Macho"!* Logo depois saiu para encontrar os amigos na praça. Passados alguns minutos, Nicéia, uma de suas irmãs que morava na casa com duas filhas, entra correndo pela porta da frente e dá a notícia de que Tom havia caído de uma mangueira.

Marisol largou o acordeom e as partituras e saiu aflita para a rua. Viu que um senhor vinha carregando Tom nos braços. Chegando a casa, Marisol estava só ao recebê-lo. Tom foi colocado na cama. Sentia muitas dores, quase entrando em coma. Em determinado momento, a dor foi tão forte que ele agarrou firme as mãos de Marisol e erguendo-se implorou: *Minha irmãzinha, não me deixe morrer.*

O coração de Marisol sangrou de dor e desespero. Nada podia fazer. Mesmo assim foi chamar o dono da farmácia, que veio com uma pomada e massageou o corpo de Tom. A massagem aumentava cada vez mais a dor e o estômago começou a inchar. Mandaram chamar o médico da cidade vizinha. Ao examinar Tom, o médico mandou aplicar soro na veia, mesmo sem o paciente ter perdido nenhuma gota de sangue... Depois, veio o Pároco confessá-lo e dar-lhe a extrema-unção.

A casa se encheu de gente, conforme a premonição que Marisol havia tido, mais ou menos uma semana antes. Na verdade, as pessoas estavam ali mais por curiosidade que para ajudar. A Marisol foi dito que chamasse sua mãe, que, na ocasião, encontrava-se na fazenda São Miguel. Era época de farinhadas e ela ajudava o marido na administração dos trabalhos. Marisol foi para a fazenda no jipe de um vizinho e passou a notícia com tranquilidade ensaiada, tentando relatar o fato aos pouquinhos. A mãe não veio de imediato,

talvez não tivesse consciência da gravidade do caso e, ou, paralisada pelo impacto da notícia.

Não suportando a demora da mãe, Jobim, irmão de Marisol, foi buscá-la. Assim que a mãe chegou, Tom pediu-lhe a bênção. Ela o abençoou e logo em seguida ele expirou. O pânico, a tristeza, a dor, foi geral. A família não se conformava. Marisol chorou a noite toda, ao lado de seu pai, que, mesmo com o coração despedaçado pela morte do filho, procurava consolá-la.

Marisol era estudiosa, mas nada conhecia de procedimentos médicos. Mesmo sem esse conhecimento especializado, nunca aceitou o fato de aquele médico ter mandado aplicar soro no irmão, sem que houvesse perda de sangue, externamente. Sua rejeição à forma de atendimento dada a Tom a fez sofrer muito, ao ponto de sonhar constantemente com a ida dele para um hospital, sem, no entanto, obter a cura. Muitos anos depois, o mesmo sonho se repetiu com outras características. Foi seu último sonho com o irmão.

No dia seguinte à morte de Tom realizou-se o enterro. Judiel era o sacristão, responsável pelos convites para o sepultamento, através da radiadora da igreja matriz. Era colega de Tom. Ambos foram coroinhas, sendo Tom dois anos e meio mais novo que Judiel. Tom aprendeu a ajudar na celebração da missa em latim em apenas dois dias.

Judiel, com inveja de Tom, engendrou uma calúnia e foi contar ao Vigário. Por conta disso, o Vigário fez queixa à mãe de Tom, que o castigou severamente. Uma criança de apenas sete anos recebendo castigo semelhante a um condenado. Mesmo duramente punido, nunca foi réu confesso da acusação que seu colega lhe havia impingido.

Por essa razão, Tom perdeu o interesse e deixou de ser coroinha. O falso testemunho de Judiel justifica o nervosismo

e o espanto que ele demonstrou, quando Marisol pediu-lhe para anunciar, pela radiadora da matriz, o sepultamento de Tom. Supostamente, o sentimento de culpa corroeu-lhe a consciência. Pessoas fracas, covardes e frias não têm escrúpulo nem remorso dos prejuízos que causam às pessoas do grupo social a que pertencem.

Tom, desde criança, sonhava em ser sacerdote, mas depois da decepção sofrida como coroinha, decidiu que quando completasse dezoito anos iria servir no Exército Brasileiro. No dia de seu falecimento, o pai, no auge da dor disse: *Meu filho que queria servir ao Exército Brasileiro, agora vai servir ao Exército de Deus.*

Marisol nunca se conformou com a falta de solidariedade dos colegas de Tom, da turma do Colégio. Ele que, no papel de líder, várias vezes assumiu sozinho as bagunças feitas por todos, não foi lembrado no convite, tampouco na missa de colação de grau de sua turma. Custava fazer uma Homenagem Póstuma a um colega, amigo e camarada, falecido de maneira tão drástica? A explicação talvez estivesse no fato de que Judiel, também, fazia parte dos concludentes.

Dona Severina, que já havia perdido outros filhos, chorava copiosamente a morte do seu caçula, ocorrida de forma tão brutal e inesperada. Talvez tenha sido a maior e a mais dolorida das provações que passara em sua vida. Diante do trágico acontecimento e de sua idade avançada, sua dor foi profunda demais. Quando as filhas estavam em casa, muitas vezes, eram surpreendidas com seu pranto convulsivo, extravasando sua profunda e inconsolável dor. Todas corriam e cercavam-na, no intuito de consolá-la. Ela, então, perguntava se era verdade a morte de Tom. A essa pergunta de Dona Severina, todas as filhas se emocionavam e o pranto era geral. Esta situação perdurou meses e talvez anos, até que

o bálsamo do tempo amenizou a dor, mas nunca foi capaz de apagá-la definitivamente, deixando em toda a família a eterna saudade e as inesquecíveis reminiscências do filho, irmão, amigo e companheiro Tom.

Marisol nunca esqueceu aquela trágica cena: Tom, quase desmaiado de dor, sendo carregado nos braços daquele corajoso senhor. Ela e sua família, do mais profundo do coração, agradecem-no por seu generoso ato de solidariedade cristã. Que Deus o abençoe e o proteja por toda a eternidade.

XXX

Sonhos

A morte de Tom abriu nova fase na vida de Marisol. A dor, a saudade, a tristeza eram companheiras inseparáveis. Durante uns quatro anos, ela sonhou com Tom, todas as semanas. O sonho era sempre o mesmo: Tom tinha se acidentado e tinha sido levado para o hospital. Quando do regresso do irmão a casa, de volta do hospital, Marisol se levantava de braços abertos para recebê-lo e perguntava com alegria e esperança:

– *Tom, você ficou bom?*

Ao se aproximar para abraçá-lo, ele desaparecia e ela acordava com a mesma angústia que sentira no dia da tragédia. Naquele momento, toda a história se repetia em sua mente, à semelhança de uma fita cinematográfica. As cenas iam passando uma a uma, nos mínimos detalhes. Cada vez que Marisol tinha este sonho, sofria terrivelmente com a dor da perda do irmão caçula, amigo e companheiro de infância.

O sonho se repetiu durante vários anos, de 1965 a 1970. Um dia, quando já cursava a faculdade, em Fortaleza, teve o mesmo sonho, mas com uma diferença: quando perguntou ao Tom se ele tinha ficado bom, ele lhe respondeu que sim. Então, abraçaram-se. A partir desse dia, nunca mais Marisol sonhou com Tom, apesar de que, até hoje, lembra-se do irmão com carinho e saudade. É como se ele tivesse feito uma longa

viagem e ficasse à espera dela, em algum lugar, para o tão desejado reencontro.

Marisol, desde a infância, era agraciada com lindos sonhos. Quando tinha entre nove e doze anos, lia muitos contos que falavam sobre fadas, duendes, reinos encantados, príncipes e princesas. Um dia, leu um livro sobre a aparição de Nossa Senhora, em Fátima. Ficou muito impressionada. A leitura despertou-lhe um profundo desejo de ver a Mãe do Céu. Passou vários dias pensando nos pastorzinhos e em Nossa Senhora. Uma noite, sonhou que Nossa Senhora aparecia no céu, num castelo de nuvens brancas, transparentes e brilhantes. Quando acordou, estava bastante feliz.

Muito tempo depois, esse sonho se realizou de forma simbólica. No ano 2000, Marisol visitou a cidade de Fátima, em Portugal, pela primeira vez. Esta primeira visita foi tão importante e significativa para sua vida espiritual, seus projetos de estudos e trabalhos, que Marisol voltou à Fátima cinco vezes.

A primeira visita foi numa excursão religiosa com os sócios da irmandade de Nossa Senhora de Fátima, de Valladolid, Espanha. Em Fátima, todos os componentes do grupo da excursão foram direto visitar a Esplanada, onde está situada a Catedral, a árvore em que a Virgem apareceu e a capela construída no local das aparições.

Era noite quando o grupo chegou à Esplanada. Houve uma procissão com milhares de peregrinos. As luzes se apagaram e o caminho foi iluminado pela chama das velas que cada devoto levava. O andor com a imagem de Nossa Senhora partiu da Catedral em direção à Capela; alguns quilômetros de distância uma da outra. Durante a procissão, todos começaram a cantar o hino: **"A treze de Maio, na cova da Iria, do céu aparece a Virgem Maria"...** Forte emoção se apoderou

de Marisol e ela começou a chorar, lembrando-se do sonho que tivera quando criança e do desejo, naquela época, de ver a Mãe do Céu. Foi um momento mágico. Sentiu-se transportada para uma dimensão sobrenatural. Com os olhos da fé e do amor, viu a Virgem Maria; tinha certeza de que ela estava ali outra vez, naquele lugar, a seu lado. Sentiu no coração sua presença e durante toda a procissão chorou, copiosamente.

Depois da procissão houve a celebração de uma Missa rezada em vários idiomas. Marisol tinha certeza absoluta de que, com os olhos da fé, vira Nossa Senhora, falara com a Virgem de coração a coração, fazendo-lhe a promessa de perseverar em sua devoção com a Mãe do Céu.

Outro sonho de Marisol que merece destaque foi com sua irmã Malu. Dentre as seis irmãs que se criaram juntas, depois que as quatro primeiras haviam casado, Malu era a irmã mais velha. Casou-se, teve filhos e ainda muito jovem faleceu de CA, deixando grande vazio e profunda dor para toda sua família, especialmente para os filhos.

Marisol sonhou que Malu estava num lugar comum, familiar. O aspecto dela era saudável e tranquilo. Havia uma ciranda formada por anjinhos suspensos no ar. Cada anjinho trazia na mão uma rosa. Ao se aproximarem de Malu, formaram uma coroa de rosas de luz, que os anjinhos colocaram na cabeça da irmã. Nesse momento, Marisol acordou com uma maravilhosa sensação de paz e alegria, que perdurou por todo aquele dia.

Marisol, quando adulta, teve outro sonho bem interessante, que até hoje a comove muito. Ela estava num ambiente parecido com o pátio de uma casa ou de um salão de recepções. Uns adolescentes (não sabia se eram seus alunos) apareceram. Um deles lhe entregou um ramalhete de flores. Ela se emocionou com o gesto de carinho, sentindo-se amada.

Aproximaram-se, então, uns animaizinhos de pelo macio, que nunca havia visto, mas sabia que eram criados em cativeiro. Marisol roçou seu rosto neles e um deles falou como gente e disse:

— *Eu te amo.*

Quando era adolescente, Marisol, várias vezes, sonhou voando. Era uma experiência muito gostosa. Sentia-se leve, flutuando no ar. Certa vez, voou tão alto que, lá de cima viu, embaixo, uma cidade cheia de edifícios. Outra vez, subiu direto, em grande velocidade. Quando olhou para baixo, viu o globo terrestre. Sempre que tinha esses sonhos, Marisol despertava com uma sensação de paz, de deslumbramento, de realização pessoal.

Assim como Marisol era agraciada de sonhos bonitos e emocionantes, também, tinha horríveis pesadelos. Muitas vezes, sonhou com o fim do mundo, da forma como as pessoas adultas contavam. Apareciam no céu duas luas e várias estrelas caindo com rapidez, em direção à terra. Quando acordava, estava aflita e amedrontada. Dava graças a Deus por tomar consciência de que aquilo não passava de um pesadelo. Hoje, com base nos seus estudos, sabe que os sonhos são um dos recursos utilizados pelos psicólogos nas terapias de análise e avaliação comportamentais de pessoas, emocionalmente instáveis.

XXXI

Vida social

O Colégio era o local mais frequentado por Marisol, uma vez que todos os dias assistia às aulas ali e também participava de outras atividades. Além das práticas pedagógicas, o Colégio promovia eventos sociais durante todo o ano letivo, de acordo com o calendário escolar que previa a comemoração das datas significativas, de cunho religioso, cívico, cultural e social.

Seus quinze anos foram festejados no jardim do Colégio, em uma festa coletiva com as colegas de turma que também completavam quinze primaveras. No jardim havia uma imagem de Nossa Senhora da Medalha Milagrosa, patrona das Irmãs de Caridade e, diante da Virgem, alunos e convidados cantaram os Parabéns para as aniversariantes, após o discurso da Irmã Superiora e de outras professoras, além das orações pedindo a proteção da Virgem para as debutantes.

Marisol também fazia parte do coro da igreja e dava aulas de catecismo para um grupo de crianças, na localidade Córrego Doce. Todos os domingos, à tarde, ela e a catequista Salete caminhavam a pé para esse lugar, a quilômetros de distância de suas residências. Ensinavam às crianças as orações preparatórias da Primeira Eucaristia.

Levava uma vida social muito restrita. Tinha loucura para dançar, mas somente lhe permitiam ir a um baile se

acompanhada pelo irmão Jobim, que ainda era solteiro. No salão de festa, o que fazia era apreciar os pares que dançavam; não tinha permissão para participar da dança. Quando convidada por algum jovem para uma contradança, mesmo sabendo ser falta de consideração para com o cavalheiro que a chamava, recusava o convite para não desobedecer à mãe e a seu irmão. Participava do baile apenas como espectadora. Isso a deixava muito triste, pois sentia um desejo imenso de rodopiar pelo salão ao ritmo da música.

Certa vez, preparou uma fantasia de carnaval. Trajando-se de borboleta, de asas transparentes, enfeitadas com bolinhas douradas e prateadas, burlou a vigilância materna e dançou um frevo no salão de baile. A mãe disse ao pai de Marisol que ele fosse ao salão para evitar que a filha dançasse e que a trouxesse de volta para a casa. Chegando lá, o pai viu Marisol dançando frevo sozinha. Achou a fantasia tão bonita que resolveu não impedir a filha de se divertir. A partir desse dia, pouco a pouco, Marisol começou a dançar nos raríssimos bailes que se realizavam durante o ano, em sua cidade.

XXXII

O voo para a liberdade

Marisol concluiu o curso secundário e, depois, formou-se no Curso Normal Pedagógico, que a habilitava a desenvolver, à época, o magistério de primeiro grau. Era muito estudiosa, ávida de conhecimentos, lia bastante e gostava muito de escrever dissertações em prosa poética, falando de gente, coisas e bichos, inspirando-se na natureza, de modo geral.

Sua vida estudantil mostrava que nunca perdera o primeiro lugar na turma, durante o curso primário, admissão, ginásio e normal. Fazia parte da segunda turma que se formava no colégio das freiras, em sua cidade. Irmã Miriam, a professora de Português, dissera que ela seria a oradora da turma, na solenidade de colação de grau do Curso Normal. A primeira turma era mais numerosa e constituída de alunas mais velhas. A segunda turma, por sua vez, era constituída de alunas mais jovens. Por isso, algumas viviam com mais intensidade as fantasias da idade, sem que se dedicassem muito às tarefas escolares. Por esta razão, alguns professores faziam um paralelo depreciativo entre a primeira e a segunda turma.

Marisol era líder de sua turma, muito estudiosa e responsável, ajudando as colegas mais displicentes nas tarefas escolares. Face aos comentários de alguns professores, principalmente da Irmã Miriam, professora de Português, que sempre lia suas redações em classe, para que servissem de

exemplo para as outras alunas, Marisol achou que era injusta a comparação entre as turmas, e, combinando com as colegas, mandou que cortassem tabocas de bambu, que eram ocas. No dia da última aula de Português, todas as alunas colocaram uma taboca oca de bambu em cima da carteira, simbolizando que, no conceito de certos professores, as alunas permaneciam "ocas", não tinham absorvido os conhecimentos ministrados em sala de aula.

Ao entrar na classe, a professora de Português ficou surpresa e ofendida. Havia uma aluna interna no Colégio, parenta do vigário. Supõe-se que ela tenha delatado as colegas e entregado a líder. Em consequência, Irmã Miriam promoveu uma eleição para escolher a oradora da turma, descumprindo a promessa que havia feito a Marisol, negando-lhe o direito por ela conquistado, ao ser classificada sempre em primeiro lugar nos estudos. Duas candidatas foram apontadas, Marisol e Alda, sua prima, que dava mais importância aos namoros que aos estudos.

Marisol, certa de que seria eleita, pelo fato de ser líder e a primeira da turma e, também, por ajudar as colegas nas tarefas escolares, em sua ingênua modéstia, em vez de votar em si mesma, votou na prima, que foi eleita com um único voto de diferença, exatamente o voto de Marisol. Nesse momento, começou a entender que a vida é um jogo e não se pode desperdiçar as oportunidades de ganhá-lo. Ficou muito decepcionada com sua professora de Português e mesmo sentindo-se injustiçada e traída, não reivindicou o direito de ser a oradora. Pouco tempo depois, Irmã Miriam faleceu em um acidente de carro. Quando Marisol estava concluindo o seu primeiro curso superior, Alda, sua prima, faleceu de um edema pulmonar. Diante dos fatos, concluiu: *tudo passa; vão-se os anéis e ficam os dedos.*

Ao terminar o Curso Normal e tendo atingido a maioridade, não via perspectivas de trabalho em sua cidade. Queria crescer nos estudos, obter um diploma de nível superior, profissionalizar-se e trabalhar, ser bem-sucedida como profissional e realizar seu sonho de mulher: namorar, casar e ter filhos. A cidade em que vivia estava longe de oferecer possibilidades para a realização de suas metas. A vida na casa dos pais seguia igual, sem liberdade para passear com as amigas, dançar, ter um namorado e outras aspirações juvenis. As irmãs casadas continuavam a ter mais privilégios na casa dos pais, que as solteiras. As irmãs mais novas, por tradição, eram as babás dos sobrinhos e sobrinhas. Isso lhes tirara a liberdade de viver como crianças ou adolescentes.

Em sendo assim, o desejo de liberdade era imenso, Marisol queria criar asas, alçar voo em busca de um futuro promissor. Confiou a Deus o seu querer profundo, na certeza de que Ele a atenderia. No ano em que concluiu o Curso Normal Pedagógico, participou, com muita euforia, de sua festa de formatura, no início do mês de dezembro. Na solenidade vestia, com muita elegância, um vestido tubinho de renda branca, forrado de uma seda branca chamada failete, mangas ¾, sem forro, moda ao estilo da época. Como complemento, usava sapatos de verniz, pretos, salto alto; uma bolsa-carteira preta, também de verniz, e como adorno colar e brincos de cristal. Sentia-se feliz e vitoriosa, explodindo de ansiedade em seguir adiante.

Na vigília de Natal do mesmo ano, houve uma missa campal, no patamar da igreja matriz. Assistiu à missa com muita fé e devoção. Na hora em que o sacerdote elevou a Hóstia Consagrada, pediu a Jesus, com toda confiança, de seu coração, a oportunidade de continuar seus estudos, numa faculdade. Depois da missa, fez uma visita à casa paroquial.

Encontrou Monsenhor Juvêncio, Diretor da Caritas Diocesana de Sobral, que estava precisando de uma professora para trabalhar na Caritas. O vigário, ciente de que Marisol tinha acabado de concluir o Curso Pedagógico, apresentou-a ao Monsenhor Juvêncio, com as melhores referências, pois além de ter sido seu professor e ela uma aluna estudiosa e responsável, cooperava voluntariamente nos trabalhos paroquiais, como catequista e membro do coro, tanto na igreja matriz como nas igrejas-capelas.

O convite veio de imediato. Marisol vibrou de alegria e felicidade. Disse ao Monsenhor Juvêncio: *Aceito seu convite, mas o senhor tem que falar com papai e mamãe, para saber se eles concordam*. Mesmo sendo maior de idade, Marisol seguia tímida, obediente e respeitosa para com seus pais. Se por ventura, sua mãe não concordasse com o emprego ofertado, certamente não teria assumido a colocação. Estava escrito nas estrelas: *Marisol voaria em direção à liberdade e à realização de seus sonhos.*

Feliz por Jesus ter ouvido suas preces, iniciou os preparativos para a viagem. Assumiu o emprego em janeiro e, ao mesmo tempo, começou a se preparar para fazer o vestibular. Em fevereiro, prestou exames para o Curso de Letras, na UVA, sendo classificada em segundo lugar. Grande conquista para quem acabara de concluir o Curso Normal, sem ter tido tempo suficiente para estudar todo o conteúdo das disciplinas exigidas nas provas e sem ter feito um Cursinho de preparação ao Vestibular.

Apesar da mudança radical de ambiente, Marisol tentava, com otimismo, superar as dificuldades. Começou a se relacionar com os colegas e professores da Faculdade e também com seu grupo de trabalho na Caritas. Isso incluía viagens para outras paróquias da Diocese de Sobral e

localidades circunvizinhas. Trabalhava com agricultores e donas de casa da zona rural, orientando-os sobre vários projetos: farmácias comunitárias, hortas e roçados coletivos, estradas carroçáveis para ligar uma comunidade rural a outra mais próxima, clube de mães na preparação do enxoval de recém-nascidos e gestantes que recebiam orientações no pré-natal.

Destarte, o ritmo de estudo e trabalho de Marisol era intenso, dinâmico, fazendo com que desenvolvesse a criatividade e os relacionamentos sociais e profissionais, preenchendo seu desejo de crescer como pessoa humana. Com muita fé e amor no coração, agradecia constantemente a Jesus, por ter a certeza de que estava no caminho certo. Ali tudo começou; novas lutas a travar no futuro e vitórias que conquistaria com muita garra e afinco.

XXXIII

Rainha do Caju

Na cidade de Sobral, Marisol ocupava o cargo de Coordenadora Educacional da Caritas Diocesana. Seguia também sua vida de universitária, dedicando-se exclusivamente ao trabalho e aos estudos. Morava no pensionato Menino Deus, dirigido pela Congregação das Irmãs Reparadoras do Sagrado Coração de Jesus, fundada pelo Padre Arnóbio. Ao comentar esse fato, Marisol percebeu que a mão da Providência Divina esteve estendida sobre ela durante toda sua vida, manifestando-se visivelmente naquela bendita noite de Natal de 1969, quando alcançou a graça solicitada a Jesus na hora da elevação da Hóstia e do Cálice, durante a celebração da Missa do Galo.

Todos os fatos acontecidos naquele momento de sua vida têm relação com seu próprio destino, a começar pelo nome da instituição em que trabalhava, da faculdade em que estudava e do pensionato onde morou durante todo o ano que viveu em Sobral. Caritas significa caridade, UVA é a fruta que produz o vinho para a celebração da Missa, o Pensionato chamava-se Menino-Deus. Quem é o Menino-Deus? Quem é o menino cujo nascimento é celebrado na noite de 25 de dezembro, mundialmente conhecida como Noite de Natal? Jesus, o Menino-Deus. E foi na Missa de Natal de 1969, na hora da elevação do corpo e sangue de Cristo, sob as duas

espécies, pão e vinho consagrados, que Marisol pediu a Jesus para guiar seus passos. E Ele, em sua infinita misericórdia atendeu-a com prontidão, levando-a para trabalhar na Caritas, estudar na UVA e morar no Pensionato Menino-Deus. Marisol é, eternamente, grata a Jesus pela graça de tê-la conduzido à realização de seus desejos.

A nova vida corria em ritmo acelerado, bem diferente da vidinha tranquila que levava na casa dos pais. Pela manhã, dava expediente na Caritas e à noite frequentava a Faculdade. Tinha as tardes livres para seus estudos e tarefas escolares. No seu trabalho, uma ou duas vezes por semana visitava alguma das comunidades circunvizinhas à cidade de Sobral e, ou, comunidades rurais situadas em paróquias da própria Diocese.

As pautas das reuniões eram preparadas por toda a equipe com a participação do Diretor. Os temas giravam em torno da promoção humana, do trabalho solidário em grupo, envolvendo vários projetos: clube de mães, com a feitura de enxovais para os filhos de famílias carentes; orientação e cuidados durante o pré-natal; instruções de como plantar e cuidar de hortas em regime de mutirão, roçados coletivos, farmácias comunitárias com medicamentos básicos: aspirina, xaropes para gripe, mel de abelha, lambedor, vitaminas e outros remédios sem prescrição médica, além de material para primeiros socorros e outros itens. Também eram construídas, sob a orientação da equipe da Caritas, estradas carroçáveis para permitir o acesso de uma comunidade a outra, por ocasião da entrega dos donativos que vinham do Programa Aliança para o Progresso, da USAID (instituição americana que fez convênio com o Governo Brasileiro, no mandato de Juscelino Kubistichek) e também para facilitar a participação às reuniões de pessoas de várias localidades.

Marisol vivia feliz, navegando entre o sonho e a realidade. Fazia tudo com muito amor e responsabilidade; estava crescendo em várias áreas do conhecimento, através dos estudos universitários e no desempenho de seu próprio trabalho. A convivência com a classe camponesa lhe era muito agradável. Intuitivamente, ia adentrando nos meandros antropológicos das ciências sociais. Muito cedo, percebeu que sua afinidade com os camponeses e com a gente simples das periferias urbanas tinha algo especial, relacionado com a alvorada da festa do dia do operário, frente à igreja matriz e nas cercanias de sua casa, naquela madrugada festiva do dia 20 de junho de 1946, hora e data do seu nascimento.

Como toda jovem mulher, tinha sonhos relacionados à vaidade feminina. Em sua cidade natal preparava-se a tradicional *Festa do Caju*, evento anual em homenagem ao produto de maior renda do município. Discretamente, animou-se para a festa. Comprou vestido e sapatos novos. Uma professora da Faculdade, que pertencia à alta sociedade sobralense, ensinou-lhe como desfilar numa passarela. Chegando à sua cidade para participar da festa, apresentou-se como candidata à Rainha do Caju. Foi uma surpresa para os organizadores e para as candidatas já inscritas. Os organizadores do evento aceitaram-na de imediato com bastante interesse, pois era uma jovem universitária, com ótimos atributos para concorrer, dando, com sua presença, mais brilhantismo à festa. Ninguém imaginava o que iria acontecer.

A candidata da preferência dos estudantes do Colégio das Irmãs de Caridade era a professora Suzi, prima de Marisol, quatro anos mais velha que ela. Era bonita, mas além de ser gorda, destoava quanto à idade, pois não era tão jovem quanto as demais concorrentes.

Cinco candidatas concorreriam ao título de Rainha. No dia da festa, a cidade inteira estava reunida no Centro Paroquial. Houve o desfile, e o júri, composto de pessoas de fora da cidade, elegeu Marisol a Rainha do Caju. Ela quase não acreditou, porque de todas as candidatas, era a que vestia com mais simplicidade, desfilando com muita elegância e encantando a mesa julgadora com a beleza estuante de sua juventude.

Marisol era só felicidade. Dançou a noite toda. Sua prima, que estava certíssima da vitória, ficou em segundo lugar e não se contentando com a derrota, vez por outra subia na passarela, desfilava e era aplaudida por seus alunos. Uma verdadeira palhaçada, mas não deixou de ser divertido vê-la *"pagando esse mico"*.

Marisol foi eleita Rainha do Caju, no terceiro ano em que era realizada essa festa, recebendo a faixa da sobrinha Antoniza, eleita no ano anterior. Passado um ano, Marisol entregou a faixa para a nova Rainha, Valquíria, que também era sua sobrinha, filha de sua irmã Nicéia, que, quando jovem, também fora eleita rainha, em outro tipo de festa. No ano seguinte, houve a tradicional Festa do Caju, mas, na ocasião, nenhuma rainha foi escolhida, porque não houve consenso entre os membros do júri. Por essa razão, o concurso foi cancelado nesta festa e nas demais realizadas posteriormente, perdurando esta situação constrangedora por vários anos consecutivos.

Como Majestade do Caju, Marisol foi notícia no Jornal *O Povo*, em Fortaleza, e no Jornal *Correio da Semana*, em Sobral, tendo sido chamada por um jornalista de *"Filósofa do Caju"*. Entre outras atividades de cunho social, fez parte de algumas excursões, apresentando-se também em solenidades cívicas, com sua faixa de Rainha do Caju, que até hoje guarda com muito carinho.

XXXIV

Flecha no alvo

Na Faculdade de Sobral (UVA), Marisol deu seus primeiros passos na direção de um futuro promissor. À época, houve grande dificuldade para o reconhecimento da insituição pelo Ministério da Educação (MEC). Os estudantes faziam movimentos para sensibilizarem as autoridades, no sentido de que se providenciasse o reconhecimento da Faculdade, pois esta era apenas agregada à Universidade Federal do Ceará (UFC), o que não dava aos alunos a garantia de que, concluindo o curso superior na UVA, teriam seus diplomas reconhecidos pelo MEC, condição imprescindível para exercer a profissão como detentores de escolaridade de nível superior.

Os estudantes, liderados pelo Padre Luizito e a Ir. Noêmia Pimentel, faziam saraus tocando piano e cantando a música de Martinho da Vila: *"Particular, ela é particular; particular, ela é particular"*... Isto porque eram cobradas mensalidades dos alunos.

O orçamento de Marisol era pequeno e, ao final do mês, quando recebia seu salário, depois de pagar a Faculdade e o Pensionato, o que restava mal dava para cobrir as pequenas despesas com coisas pessoais. Então, teve a ideia e a coragem de expor sua situação ao Diretor da UVA, à época, *Mons. Gerardo Ferreira Gomes*, que sensibilizado com a situação e considerando a importância do trabalho que Marisol fazia para a Diocese de Sobral, dispensou-a do pagamento das

mensalidades da Faculdade. Ela ficou muito feliz e até hoje é grata a esse sacerdote, tão generoso e compreensivo. Que Deus o tenha no Reino dos Céus! Com a dispensa do pagamento das mensalidades da UVA, pôde fazer, mensalmente, pequenas economias que, mais tarde, garantiram sua manutenção em Fortaleza, até conseguir um novo emprego.

Marisol, perspicaz e sensível ao problema do reconhecimento da faculdade, passou a se preocupar com a situação irregular da entidade e começou a pensar seriamente em pedir transferência para a Faculdade de Filosofia do Ceará (FAFICE), já reconhecida pelo MEC, hoje Universidade Estadual do Ceará (UECE). Cursou o primeiro ano na UVA, em Sobral. No segundo ano transferiu-se para a FAFICE, em Fortaleza. Tudo aconteceu por meio da Mão Poderosa de Deus, pois não solicitara ajuda de ninguém, inclusive pediu transferência sem saber se haveria vaga e se seria aceita na Faculdade para onde estava pedindo transferência.

Quando chegou a Fortaleza, foi falar com o Diretor da FAFICE, que também era sacerdote. Este se surpreendeu por ela ter conseguido transferência da UVA sem que houvesse um documento de aceitação da parte da Faculdade de Filosofia. Ela expôs suas preocupações e dificuldades, o desejo de cursar aquela Faculdade, inclusive o fato de a UVA ser particular e ainda não ser reconhecida. Ela queria se formar e exercer a profissão. O Diretor, sensibilizado, autorizou a matrícula. Vale ressaltar que durante todos os trâmites do processo de transferência, Marisol orava constantemente, fazendo novenas à Nossa Senhora, pedindo sua intercessão junto a Jesus para que tudo desse certo.

Além de obter a transferência, conseguiu hospedagem em uma das Residências Universitárias Femininas da UFC, onde sua irmã Frida era diretora. Sua irmã ajudou-a muito

nessa empreitada. Depois de matriculada e instalada, surgiram novas dificuldades. Marisol estava vivendo das pequenas economias que fizera durante o ano em que trabalhou e estudou em Sobral. Para ser completa a realização de seus sonhos, necessitava de arranjar um emprego. Procurou muito, mas só apareciam oportunidades no comércio, ramo em que, com certeza seria explorada, contrariando suas expectativas de crescer, como ser humano e como profissional.

Persistente em sua busca e pedindo sempre a proteção de Deus, conseguiu uma Bolsa de alimentação, na Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis da UFC, para fazer duas refeições diárias no Restaurante Universitário e, por meio de um processo de seleção, conseguiu também uma Bolsa de trabalho do Ministério da Educação, prestando serviços "part-time" no Instituto de Matemática da UFC e no outro expediente na implantação do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), a convite de Leda (a amiga e vizinha de Marisol do seu tempo de infância), que naquele momento, exercia o cargo de Coordenadora Geral daquela Instituição, no Estado do Ceará. Posteriormente, depois de ter concluído seu primeiro curso Superior, o Curso de Letras, foi contratada como técnica e depois convidada para assumir um cargo de confiança como Agente de Mobilização da Coordenação Estadual do MOBRAL, no Ceará, integrando uma equipe de cuja hierarquia institucional representava a segunda pessoa do Coordenador Geral, à época, um coronel reformado do Exército.

Marisol era e é inveterada leitora, exercitando desde criança a convivência com os livros. Deleitava-se com a poesia e gostava por demais da Estilística, aprofundando-se no seu estudo. Seu espírito romântico e poético sugeria-lhe a pretensão de ser escritora, publicar livros, desenvolver e dar continuidade ao talento literário.

No penúltimo semestre do Curso de Letras, Marisol passou por uma experiência muito traumatizante. Foi vítima da traição de um colega sacerdote e da injustiça do professor da disciplina Estilística. Fazia parte do currículo um trabalho individual de pesquisa (NTI) para nota final. A nota obtida com esse trabalho tinha peso maior para a aprovação do aluno na disciplina que cursava. O professor passou o trabalho e marcou a data de entrega. Marisol, sem muitos recursos financeiros, privou-se da merenda por vários dias, juntou o dinheiro e comprou um livro caro, que orientava como fazer a pesquisa requisitada.

Todos os dias, depois de três jornadas de trabalho e estudo, ficava até tarde da noite estudando e pesquisando o tema proposto. Quando terminou de redigir o trabalho a mão, arranjou uma máquina datilográfica emprestada e datilografou todo o rascunho, usando apenas dois dedos, pois não tinha prática alguma do teclado da máquina de escrever.

No dia anterior à data de entrega do NTI, seu colega *padre*, depois da aula, ofereceu-lhe carona até sua casa, pedindo a Marisol para dar uma olhada em seu trabalho, pois precisava ter uma base para fazer o dele. A ingênua e crédula Marisol, confiando no colega, *sacerdote*, emprestou-lhe o trabalho. No dia seguinte era a data de entrega. O colega *padre* chegou atrasado para assistir à aula, devolveu o original a Marisol e entregou o dele ao professor, escrito a mão.

Na semana seguinte, o professor devolveu aos alunos os trabalhos corrigidos. Quando Marisol recebeu o dela, tomou um susto. O trabalho estava cheio de observações escritas com letras vermelhas: *"Trabalho igual ao de fulano" (o padre em questão)* com a nota quatro, reprovativa. Ao trabalho do *padre*, copiado a mão do trabalho de Marisol, o professor tinha dado nota oito. Excelente nota!

Quando Marisol percebeu que tinha sido lesada pelo colega, *padre*, caiu em prantos. Seus outros colegas de turma vendo-a chorar procuraram saber qual o motivo do pranto. Ela mostrou seu trabalho, cheio de observações escritas com letras vermelhas e a nota reprovativa. Quando a aula terminou, seus colegas reuniram-se e foram falar com o professor da disciplina, explicando que o trabalho original era de Marisol e que *o* colega, em questão, tinha o hábito de copiar trabalhos escolares alheios e apresentá-los aos professores como se ele fosse o autor. Marisol ainda tentou falar com a direção da Faculdade, mas ninguém fez nada para esclarecer o caso.

Falou com sua irmã, Frida. Contou-lhe o ocorrido. O dito professor lecionava a mesma disciplina na Faculdade de Letras da UFC e na FAFICE. Era, ao mesmo tempo, professor de Frida e de Marisol. Frida, além de aluna era também sua monitora. Falou então, com ele, sobre a dedicação de Marisol nos fins de semana, dormindo tarde, pesquisando e datilografando seu trabalho. De nada adiantou a interferência. O professor não ouviu a opinião de ninguém e manteve a nota. Marisol, para não ser reprovada, fez prova de recuperação.

O desgosto e a angústia causados pela injustiça de que fora vítima, trouxeram-lhe a vontade de abandonar a Faculdade. Só não o fez porque recebeu o apoio de Lúgon, seu namorado, de Frida, sua irmã, dos colegas da Faculdade e das colegas da Residência Universitária. No mesmo ano concluiu a Faculdade de Letras e colou grau, recebendo seu primeiro diploma de nível superior, registrado pelo MEC, dando-lhe todos os direitos para o exercício da profissão escolhida.

Depois de concluída a Faculdade, Marisol participou de vários concursos e foi aprovada em todos. A partir daí, começou a ser chamada para assumir os cargos que pleiteara

nos concursos. Preferiu, no entanto, ficar no Programa do Ministério da Educação porque oferecia excelente salário, além das regalias que o cargo disponibilizava.

XXXV

Noivado

Entre o período de desemprego e a busca de trabalho, Marisol conheceu, no restaurante universitário, Lúgon, aluno da UFC, estudante de um curso da área das Ciências Exatas. Começaram a namorar. Ele era funcionário público federal do INAMPS, atual INSS, e professor do Estado. Lutava com muita dificuldade para dar conta dos estudos e do trabalho. Era arrimo de família e também ajudou muito Marisol, levando-a para fazer refeições em restaurantes populares nos finais de semana, dias em que o Restaurante Universitário não abria. Ele foi o primeiro pretendente com quem teve um namoro sério. Com a convivência, Marisol passou a conhecer o grande espírito de solidariedade de Lúgon, não só com ela, mas com todas as pessoas humildes que ele conhecia e com quem se relacionava. Por isto, continua a ter para com ele uma dívida de gratidão e um carinho muito especial, que o torna diferente de todas as pessoas que fizeram parte de sua história.

Quando as coisas pareciam estar se encaixando (hospedagem, estudo, trabalho e amor), Marisol teve que enfrentar outro tipo de dificuldade: sua irmã Frida não aceitava seu namoro nem gostava de Lúgon. Começou a implicar com ela e a humilhar seu namorado, quando este ia visitá-la na residência universitária. Além do tratamento grosseiro que dava

ao casal de namorados, Frida alimentava certa rivalidade com Marisol por causa dos estudos. Ambas faziam o mesmo curso, sendo que Frida estudava na Universidade Federal do Ceará, pela manhã e, Marisol na Faculdade Estadual, à noite, porque durante o dia trabalhava. Os professores dos Cursos de Letras das duas faculdades eram os mesmos. Entretanto, Frida se achava superior e mais inteligente que Marisol por estudar na UFC. Mas o tempo provou que Marisol, mesmo trabalhando durante o dia e estudando à noite, numa Faculdade Pública Estadual, foi bem mais longe em suas conquistas estudantis do que o esperado. Em nenhum momento, descuidou-se de seus estudos e, sendo uma aluna dedicada e curiosa, ultrapassou as fronteiras de seu país, fez cursos de pós-graduação, conquistando os títulos de Especialização, de Mestre e de Doutor com grande êxito e destaque, em Universidades estrangeiras, ocasião em que aprendeu, também, outras línguas, além da convivência com culturas diferentes que serviram para adquirir valiosas experiências profissionais e enriquecer seu *curriculum vitae*.

Quando Frida concluiu seu primeiro curso superior, seu pai mandou matar uma vaca e ofereceu aos familiares e amigos, um churrasco em sua casa, para comemorar a vitória da filha. Marisol só tomou conhecimento da festa depois do fato ocorrido. Ela ficara em Fortaleza, cumprindo suas obrigações profissionais. Estava de férias da Faculdade, não do trabalho.

No ano seguinte, Marisol também concluiu seu primeiro curso universitário. Frida nunca comentou nada com seus familiares a esse respeito. Dedicou toda sua atenção aos preparativos para a comemoração das Bodas de Ouro do Sr. Valentim e Dona Severina, que se realizaria em janeiro de 1973. Os pais e demais familiares de Marisol só souberam

que ela havia se formado em dezembro de 1972, porque, no dia da festa, após o banquete, várias pessoas discursaram: o vigário, o prefeito. etc. Marisol estando ao lado do noivo, aproveitou a oportunidade, levantou-se e comunicou que havia concluído o curso superior de Letras e, ao mesmo tempo, anunciou seu noivado com Lúgon. Foi uma surpresa geral.

A desculpa da não informação sobre a formatura de Marisol foi a de que a notícia apagaria o brilhantismo da festa das Bodas de Ouro dos pais. Que desculpa esfarrapada! Que pai ou mãe, não gostaria de saber e comemorar juntamente com suas Bodas de Ouro, a vitória da filha caçula, nos estudos? Principalmente, um pai extremoso como o de Marisol que sempre a incentivou nas coisas engenhosas que fazia e, ela o tinha como seu referencial. Seria, extremante confortante para o casal de idosos, comemorar a vitória conquistada com tantas batalhas e muita persistência por sua filha, somando-se a essa alegria, a certeza e a tranquilidade de consciência pelo dever cumprido.

Quando as duas irmãs entravam de férias, viajavam para a casa dos pais. Frida, muito moralista, além de não simpatizar com Lúgon, tinha raiva porque Marisol montava a garupa da lambreta do namorado e saíam para passear ou jantar fora. Por isso, enredava de Marisol e Lúgon para sua mãe e suas irmãs, criando-se, assim, um clima muito desconfortável entre Marisol e seus familiares.

Frida era mais velha, autoritária e superprotetora. Com base nos princípios de sua educação doméstica, achava-se com o direito de podar as iniciativas de Marisol, como se isto tornasse a irmã imune aos perigos e chances de desvios de conduta, numa época em que explodiam os sucessos e o estilo de vida da Jovem Guarda, dos Beatles, dos Holling Stones, secundados pelo surgimento de variadas formas de liberação sexual.

Naquele momento e naquelas circunstâncias, Marisol não mais aceitava ser submissa nem a Frida nem a ninguém, uma vez que era maior de idade e estava construindo seu futuro com muita luta e responsabilidade. Tinha o direito de fazer suas escolhas. Seu guia e vigilante era sua própria consciência e os princípios da educação familiar. A imagem de seu pai e de sua mãe, o respeito que tinha por eles, foram eleitos conselheiros permanentes, ao longo da vida.

Marisol tinha uma conduta certinha. Cuidava-se, estudava e preparava seu futuro com garra e sacrifícios. Em dezembro de 1973, casou-se com seu noivo Lúgon e, dois anos depois, nasceu seu filho, Noel, que passou a preencher todos os espaços afetivos existentes em seu coração e em sua mente, tornando-se sua principal razão de viver.

Na sua ânsia de fazer tudo que assumia com responsabilidade e perfeccionismo, a vida profissional de Marisol a absorveu demasiadamente, privando-a de um convívio familiar mais aconchegante e intenso. Sempre estava viajando a trabalho, ministrando cursos e palestras, estudando, planejando e realizando projetos, etc. Por outro lado, seu marido também tinha uma vida profissional cheia de atribuições. Ambos ficaram sobrecarregas com as exigências do trabalho. O nível de estresse foi aumentando, ao ponto de afetar sensivelmente a vida em comum. O matrimônio foi se desgastando. Não resistiu aos revezes das cobranças profissionais do casal e terminou quando Noel tinha quatro anos. Depois do divórcio consensual, a vida de Marisol deu uma guinada de trezentos e sessenta graus, nas questões profissional e estudantil, tema este que, possivelmente, será tratado de forma específica, em outra oportunidade.

Três anos depois da separação judicial, Marisol elaborou um projeto de pesquisa cujo tema era: *Educação não-Formal*

para Camponeses, concorrendo em uma seleção feita pela Organização dos Estados Americanos (OEA). Seu projeto foi aprovado e ela foi agraciada com uma Bolsa de Pesquisa, a ser realizada em um país situado na América do Norte. Quando tudo estava preparado para a viagem, documentos, passagem e hospedagem para ela e seu filho, Lúgon, seu ex-marido, a intimidou dizendo que iria falar com o juiz para impedir que ela levasse Noel. Marisol percebeu que a intenção de Lúgon era impedir sua viagem, atrapalhar seus planos, pois ele ainda alimentava a esperança de uma possível reconciliação conjugal.

Faltava menos de um mês para o dia da viagem. Então, Marisol agiu rapidamente: contratou uma advogada e transferiu a guarda e a pensão alimentícia de Noel para Lúgon, que foi pego de surpresa. O feitiço caiu em cima do feiticeiro. A atitude de Marisol foi radical porque se sentiu acuada pelo ex-marido, do qual não dependia em nada. Agiu dessa maneira, defendendo seus direitos de mulher e de cidadã. Embora, depois, chegando ao país de destino dos seus estudos, a distância, a saudade, o arrependimento de ter deixado o filho menor associado às constantes preocupações com ele, a dor da separação e tudo mais que deprime uma mãe longe de seu rebento frágil e indefeso com apenas sete aninhos, fizeram-na sofrer crucialmente e chorar até a última lágrima. Mas, como não podia desistir de sua conquista, entregou-se de corpo e alma aos estudos e à pesquisa, tentando preencher cada lacuna de tempo e de espaço que tinha em sua mente para não definhar. Aproximava-se de toda criança que, fisicamente, se parecia com seu filho, tentando encontrar consolo, amenizar a saudade e afastar a solidão.

Marisol tinha consciência de que o êxito de seu projeto era o resultado dos sacrifícios que ela impôs a si e ao seu

filho, por isto não podia fracassar. Tudo que fez foi pensando no bem-estar de Noel, em oferecer-lhe melhores condições de vida, de estudo e garantir-lhe uma profissão que o tornasse independente por toda sua existência. Hoje, Noel é um profissional de nível superior, pós-graduado, estudioso, competente e dedicado à pesquisa científica, seguindo o exemplo de sua mãe.

A vida de Marisol foi permeada de inúmeras dificuldades e enormes sacrifícios, mas, também, de perseverança contínua nas batalhas travadas e, por que não dizer, de muitas e grandes vitórias.

Por determinação ou ironia do destino, Marisol é a *primeira doutora* mulher de sua cidade natal e, até o momento, a única. Seus títulos são seus troféus contra as humilhações e injustiças de que foi vítima. Agradece a Deus, todos os dias, por sua infinita Misericórdia para com ela.

XXXVI

Dona Severina

Dona Severina era filha de pais abastados. O pai comerciante próspero, proprietário de grandes lotes de terra. Segunda filha na sequência familiar. Não conheceu dificuldades materiais. Casou-se aos dezessete anos de idade, numa época em que o desenvolvimento só existia nas grandes metrópoles europeias. Gestou e pariu dezoito filhos, dos quais, criou e educou quinze, com autoridade e determinação. Os demais filhos faleceram quando criancinhas. Além dos partos normais, teve as duas últimas gestações interrompidas por deficiência orgânica, totalizando vinte partos.

Mulher guerreira, mãe extraordinária. Valente na luta de cada dia e firme em suas decisões. Sempre dizia para os filhos: *Não fui criada com luxo, mas fui criada em meio à fartura.*

O senhor Valentim, seu marido, no início da vida conjugal era comerciante. Depois optou pela agropecuária, ocupação cheia de incertezas e dificuldades. Com seu trabalho, nos tempos bons, de chuvas normais, sua casa era farta de produtos da terra. Em tempos escassos, por causa de secas e, ou, enchentes, a produção minguava. Mesmo assim, encontrava meios honestos de sobrevivência, suprindo as necessidades de sua família e cuidando de seus animais, evitando que morressem de fome e de sede.

Dona Severina era seu braço direito. A labuta doméstica era enorme. Além dos afazeres cotidianos, como cuidar dos

filhos, fazer comida, limpar a casa, lavar roupas, cuidar dos animais domésticos, ela fazia uma série de outras atividades complementares, que auxiliavam no orçamento familiar; costurava a roupa dos filhos e a do marido em uma máquina de costura manual, inglesa, marca Singer. Também fazia crochê, renda de almofada, debulhava flocos de algodão, separando-os em tiras e, com um fuso, transformava-as em fios para fabricação de redes e varandas.

A água de beber e de uso caseiro era extraída do cacimbão, no quintal, com balde e corda, puxada à mão, através de um grande carretel de quatro pernas, fabricado de madeira, conhecido pelo nome de carambola. A água potável era bem cuidada: depois de tirada do cacimbão, era coada em panos limpos, em seguida passava por um processo rudimentar de purificação. Dona Severina colocava ferros no fogão a lenha, em que era feita a comida para toda a família. Quando os ferros estavam vermelhos, em brasa, colocava-os dentro dos potes com água, deixando-os ali em repouso, até o ferro e a água esfriarem. A roupa era lavada, manualmente, com a água tirada do cacimbão e depois passada com ferro a brasa. Não havia água encanada nem luz elétrica na localidade. A casa, à noite, era iluminada com faróis a querosene. A luz elétrica e a água encanada só foram instaladas depois que o povoado passou a ser município.

Quando uma das crianças ficava doente (gripe, diarreia, caxumba, sarampo), todos adoeciam ao mesmo tempo. Não havia posto de saúde, médico ou farmácia. Os partos de Dona Severina eram feitos pela parteira local, amadora, sem nenhuma qualificação profissional. O trabalho doméstico era artesanal, muito laborioso e difícil. Tinha como auxiliar de labuta, Marialda, que a meninada, carinhosamente, chamava "Dindinha". Jobim, quando criança, era muito

branco e louro. Era o xodó da Dindinha. Quando esta o acalentava para dormir, cantarolava: *"Bolãozim de ouro, bolãozim de ouro"*... Assim, bem entrosada com a criançada, Dindinha viveu na casa de Dona Severina muitos anos. Para satisfazer a um desejo seu, o Sr. Valentim, com ajuda de outros membros da Associação de São Vicente de Paulo, construiu uma casinha para ela, próximo à de seus familiares. Anos depois, Dindinha, com bastante idade, partiu para a casa de Deus, deixando, nas pessoas da família que a acolheu e a quem ela prestou relevantes serviços na labuta doméstica e no cuidado com as crianças, uma grata e saudosa recordação.

Com toda essa ocupação e responsabilidade, Dona Severina não descuidava da educação dos filhos. Foi a primeira professora deles. Ensinou-lhes ler e escrever, alfabetizando todos, antes de frequentarem a escola pela primeira vez.

Mostrava-se muito severa quando seus filhos desobedeciam ou faziam algum tipo de travessura. Castigava-os. Tinha como princípio o antigo provérbio que diz: *"Quem não faz seus filhos chorarem, chora por eles"*. Era muito íntegra e, para justificar sua atitude ao castigar os filhos, dizia: *"A justiça para ser boa começa em casa"*. Pertencia ao signo zodíaco de Libra. Signo este que, segundo os astrólogos, prima pela justiça.

Apesar de ser rigorosa na educação dos filhos, Dona Severina era uma pessoa muito intuitiva, sensível, inteligente, generosa e prestativa. Nada negava a alguém que batesse a sua porta. Mulheres, que engravidavam, iam à sua casa pedir laranjas, limões, goiabas e demais frutas das árvores de seu quintal, para matar *"desejos"*, porque, segundo a crença popular, se o *"desejo"* não fosse atendido, a mulher perderia o bebê.

Em época de farinhada, Dona Severina passava vários dias fazendo beijus e tapiocas para distribuir com

a vizinhança, quando regressasse a casa. No dia em que chegava, mandava entregar os pacotes às vizinhas e, se por acaso se esquecesse de alguma, imediatamente vinha a cobrança e ela mandava a encomenda pelo portador, pedindo desculpas pelo lapso.

Durante a Festa da Padroeira, todos os dias, mandava colocar dois potes de barro, grandes, com água limpa e fria para matar a sede das pessoas que vinham assistir à Missa.

Existia uma família que morava vizinha à sua casa. A senhora foi acometida de uma doença muito rara, morreu aos gritos de dor, deixando o marido, quatro filhos e duas filhas: Mári e Araci; a primeira com nove e a segunda com sete anos de idade. O viúvo não voltou a casar. Dona Severina se preocupava com as duas garotas como se mãe delas fosse, cuidando da alimentação e da saúde. As duas meninas frequentavam a casa de Dona Severina para fazer refeições e brincar com suas filhas.

Havia, também, um vizinho, sapateiro e amigo da família, que, quando jovem, fez uso excessivo de bebidas alcoólicas. Em consequência do vício, adquiriu sérios problemas hepáticos. Em épocas de crise, entrava em dieta alimentar rigorosa. Era costume de Dona Severina criar galinhas. Sempre que esse vizinho estava em crise, e Dona Severina tinha galinhas com pintos pequenos, ele lhe falava em comprar os pintinhos de *"primeira pena"* para com eles preparar suas refeições. Ela mandava que ele escolhesse os pintinhos que serviam para atender a sua necessidade e os dava de graça. A generosidade era marca inconfundível de seu caráter.

A relação com filhos e filhas era de autoridade. Não existia diálogo nem afagos. Revestia-se de uma couraça de severidade, para impor moral. Não admitia que suas ordens fossem descumpridas. Mas, no fundo, Dona Severina era

uma mulher sensível e emotiva. Depois dos filhos crescidos, quando um filho ou filha ausente mandava-lhe uma carta e, ou, presentes acompanhados de um cartão, por ocasião de seu aniversário ou do Dia das Mães, ao receber os presentes e ler as mensagens, derretia-se em lágrimas de emoção.

Dona Severina era uma mulher forte, destemida e muito enérgica. Durante sua vida passou por várias situações traumatizantes. Pouco depois do seu casamento, perdeu um irmão, assassinado. Mais tarde, perdeu vários filhos, uns ainda criancinhas, o mais velho com dezoito anos de idade, acometido por uma doença incurável na época. Anos depois, perdeu Tom, o caçula, em brutal acidente, com apenas dezesseis anos. Depois de Tom, já senil, perdeu outro filho e duas filhas.

Marisol relembra Dona Severina, sua mãe, com saudade e admiração. Analisa todas essas situações e comparando-a com as mães da atualidade se pergunta: *Como uma mulher pôde aguentar tantas dificuldades e reveses da vida, sem perder a fé nem o prumo? Minha mãe é uma heroína! Longe de mim criticá-la ou condená-la pela criação e educação que deu aos filhos.* Fui vítima, sem dúvida, dos excessos e bloqueios dessa educação; tenho hoje o discernimento para compreender o contexto, em que ela se inseria. Foi-me dada pela vida a oportunidade de superar as queixas e graças à disciplina imposta por minha mãe, pude vencer diversas batalhas, tanto em questões pessoais quanto profissionais.

Marisol compreende que, o rigor de sua educação era a manifestação do excesso de amor, de proteção e de cuidados que seus pais tinham para com todos os filhos e filhas. Zelavam pela integridade e reputação de sua família, numa época em que a moral cristã e os costumes impunham normas de conduta muito rígidas. O zelo de Dona Severina pela família era tão grande que, na hora do almoço ou jantar, os

melhores pedaços de carne eram separados para o Sr. Valentim, seu marido, depois para os filhos e filhas e, para ela, comia o que sobrava, sempre colocando o marido e os filhos em primeiro lugar. Quando a comida era galinha ou frango, servia toda a família e ficava com o refugo: os pés, o pescoço e, ou, as asas das aves.

Um dia, Marisol, depois de adulta, comentou com as irmãs: *O Evangelho de Jesus diz que "os últimos serão os primeiros"* (Marcos 10: 31). Mamãe sempre se colocou em último lugar quando nos servia comida, ficando com os piores pedaços da galinha, os que ninguém queria. Naquela época, ainda não se sabia que os pés da galinha concentram grande quantidade de colágeno. Hoje, sabe-se que essa substância serve para o rejuvenescimento da pele, fortifica a musculatura e as articulações. Talvez esse tenha sido o segredo da longevidade de Dona Severina, que faleceu aos noventa e sete anos de idade.

Marisol não esteve presente ao funeral de Dona Severina, porque, quando soube da notícia da morte de sua mãe, sentiu-se mal. Frida, sua irmã, telefonou oferecendo-lhe carona de Fortaleza para a cidade em que morava Dona Severina. Ela disse que não estava passando bem, mas, dentro de meia hora, retornaria a ligação, informando se viajaria ou não. Quando Marisol telefonou, para dizer que estava pronta para a viagem, Frida lhe respondeu com desdém: Agora é tarde, vou levar no meu carro, Fabrina e Larissa; neta e bisneta de Dona Severina. Assim, Marisol foi impedida de dar o último adeus a sua mãe. Depois da celebraação da Missa de Sétimo Dia, uma das irmãs insinuou que Marisol não tinha ido ao funeral por vergonha da mãe ser idosa. Mesmo sendo a caçula, Marisol nunca sentiu vergonha de Dona Severina, porque sempre teve consciência de que os sinais da idade impressos no corpo da mãe eram marcas de sua bravura ao

criar e educar uma família numerosa, lutando com garra e perseverança contra as adversidades impostas pela vida, somadas à escassez de recursos na época.

Dona Severina, já anciã, um dia pediu perdão a Marisol pelos castigos (surras) que lhe deu. Essa atitude da mãe originou críticas em algumas de suas irmãs, que disseram:

— *Quem já se viu uma mãe pedir perdão a uma filha, pelos castigos que deu a ela?*

Marisol se emociona com a humildade de sua mãe. Talvez ela estivesse se preparando para sua grande viagem e não quisesse levar consigo o pesado fardo do remorso. Por isso, para isentá-la de qualquer sofrimento, deixa impresso nestas memórias este recado: *Mamãe, eu amo você. Admiro e agradeço muito por tudo que fez por mim. Perdoar é para Deus. Ele já lhe perdoou, muito antes de mim. Seja feliz na luz do Senhor e viva em paz e com alegria, por toda a eternidade.*

Marisol também relembra, com saudade, o último abraço que recebeu de sua mãe. Esse abraço ficou impresso em sua mente, em suas emoções e em seu próprio corpo. Foi um abraço estranho, muito forte, apertado e demorado. Era como se sua mãe estivesse se despedindo ou quisesse dizer-lhe algo.

De fato, foi o seu abraço de despedida, no Natal de 2002. No dia três de janeiro de 2003, Dona Severina, foi para o Céu e hoje deve ser uma das estrelas que brilham na amplidão da abóbada celeste, piscando para Marisol, quando nas noites de insônia abre a porta de seu quarto e vai para a varanda do apartamento, no vigésimo andar do edifício onde mora e fica a contemplar o firmamento, rezando e admirando algumas estrelas mais visíveis ou a lua que vagueia sorrateiramente, na imensidão do infinito. Marisol suspira de saudade e nostalgia, querendo entender os mistérios da vida.

XXXVII

Sr. Valentim

Sr. Valentim: homem íntegro, de porte franzino, porém, muito enérgico e determinado. Educou seus filhos e filhas para a vida, dando exemplos de luta, de persistência e abnegação ao trabalho. Era rotina chegar a casa, depois do trabalho em suas propriedades, com os pés perfurados por espinhos de plantas silvestres, principalmente, durante a colheita da palma de carnaubeira para a fabricação da cera. Os espinhos dos talos da referida planta têm formato triangular, com uma das pontas curvadas à semelhança de anzol. O Sr. Valentim, à noite, quando regressava do trabalho, pedia a Marisol que extraísse os espinhos dos seus pés, dando mais preferência a ela que as outras filhas, porque sentia que suas mãos eram mais leves para realizar aquele tipo de operação.

O formato dos espinhos fazia com que, depois de penetrados na carne, tornava-se difícil arrancá-los. Marisol não tinha uma pince para extraí-los. Usava uma agulha fina de costura, desinfetada. Com a agulha e uma lâmina de barbear marca Gillette, ia abrindo a pele de um lado e do outro para alargar o orifício feito pelo espinho. Era um procedimento dolorido e difícil que exigia paciência e coragem, pois não havia como anestesiar e, ou, amenizar a dor. Seu pai, às vezes gemia. Marisol, mesmo com pena de sua dor e medo de furá-lo, tinha que continuar a operação, para que seu pai

pudesse andar e, também, para evitar que os espinhos causassem algum tipo de infecção.

Homem de poucas letras, mas leitor assíduo da Bíblia Sagrada, donde tirava exemplos de fé e energia para vencer as dificuldades do cotidiano. Também gostava de ler romances, quando chegava do trabalho e aos domingos. Leu grandes obras apologéticas: *Hen Hur, Quo Vadis, Médico de Homens e de Almas, Paulo e Estêvão* e outros, como a *Vingança do Judeu, o Conde de Monte Cristo*, etc.

À noite, na calçada, reunia-se com a família e contava sobre os capítulos já lidos, sem omitir nenhum detalhe. Alguns vizinhos, que também gostavam de ler e de ouvir a trama dos romances, agregavam-se ao grupo.

Quando surgiram os folhetos das Missas de Domingo, ele fez a assinatura e todas as semanas recebia um exemplar. Aos sábados, ao cair da tarde, quando seus empregados vinham receber o pagamento semanal, antes de pagá-los, o Sr. Valentim tomava em suas mãos o folheto e lhes falava:

— Hoje é sábado, vamos ler o Evangelho da missa de amanhã.

Depois da leitura dizia:

— Se vocês quiserem ir à missa hoje, a partir das dezoito horas, já fica cumprido o preceito de amanhã. Em seguida fazia o pagamento e se despedia dos empregados.

Dona Severina também gostava de ler nas horas livres, mas não tinha a mesma habilidade de repassar o que lia; atrapalhava-se um pouco com os detalhes do enredo.

O hábito da leitura, que os pais de Marisol cultivaram e passaram aos filhos, muito os influenciou a tomar gosto pelos estudos, em especial as filhas, que se formaram em nível superior. Os filhos, apesar de também terem estudado, dedicaram-se mais ao trabalho, ajudando o pai na labuta

do campo. Depois, quando atingiram a maioridade, cada um seguiu seu caminho, de forma independente, buscando outras profissões.

Em várias ocasiões, Dona Severina surpreendeu as filhas, à noite, deitadas em redes, lendo livros à luz de lamparinas a querosene, correndo o risco de dormirem, haver um incêndio e morrerem queimadas. Imediatamente ela ordenava que apagassem as lamparinas e fossem dormir. As filhas obedeciam sem questionamentos e, ou, teimosia.

O Sr. Valentim era muito generoso. Dividia com os mais necessitados parte de sua produção agrícola. Na Sexta-Feira Santa, colocava na calçada sacos grandes com mantimentos e ia distribuindo os víveres com as pessoas que pediam esmola para quebrar o jejum.

Na safra da castanha de caju, pagava as despesas de produção e de colheita, reservava uma quantia em dinheiro para a manutenção das propriedades e o que sobrava, distribuía em partes iguais com todos os filhos e filhas.

Quando matava os animais que criava nas fazendas (vaca, ovelha, carneiro, cabra, porco), Dona Severina usava o mesmo sistema distributivo. Mandava carne para a casa de cada uma das filhas casadas, como também mantimentos: feijão, farinha de mandioca, goma, batata, ovos, leite, enfim, ia de tudo que era produzido nas propriedades do casal.

Quando o Sr. Valentim completou noventa anos distribuiu noventa cestas básicas de alimentos com noventa pessoas necessitadas, em agradecimento a Deus pelos seus noventa anos de existência. Foi um homem muito trabalhador. Trabalhou até quando perdeu a vista, vítima de um erro médico. Na consulta, o médico diagnosticou que ele sofria de catarata e precisava aguardar um tempo para operar. A doença

se agravou e ele foi operado de emergência, de glaucoma, não de catarata, evidenciando a incompetência do médico que o examinou anteriormente.

Mesmo cego, orientava os dois filhos que trabalhavam com ele sobre os serviços das fazendas e as providências que deveriam ser tomadas. Aos noventa e dois anos, com toda a lucidez, faleceu de morte natural, a dezessete de abril de 1988. No dia de seu sepultamento, a casa encheu-se de pessoas que lamentavam sua morte. Umas senhoras viúvas e já idosas, que ele ajudava, chorando, diziam: *Morreu o nosso paizinho.* A Praça da Matriz, onde ficava situada sua casa, encheu-se de pessoas amigas e dos parentes que foram prestar sua última homenagem de gratidão e solidariedade.

Marisol também não pôde estar presente ao funeral de seu pai. Um dia antes do falecimento do Sr. Valentim, sem saber que ele adoecera, viajara para São Paulo, a fim de participar de um Congresso Internacional sobre Políticas Educacionais, na qualidade de professora universitária, representando sua instituição. Passou toda a noite viajando. Pela manhã, depois de se alojar no hotel, onde permaneceria durante a realização do evento, foi preencher a ficha de inscrição. De forma estranha, sentiu uma vontade enorme de voltar para casa. Imediatamente, remarcou a passagem, viajando durante a noite. Chegou a casa às seis horas da manhã. No exato momento em que se deitou na cama para dormir, o telefone tocou. Ela atendeu. Era Frida, perguntando onde havia estado, pois tinham telefonado muitas vezes e ninguém atendia ao telefone. Marisol respondeu:

– *Acabei de chegar de São Paulo, fui participar de um Congresso Internacional, por quê?*

Frida contestou:

– *Porque o papai esteve muito doente.*

Marisol inquiriu:

– *Ele já ficou bom?*

Ela retrucou:

– *Ficou, porque agora ele está no Céu.*

Marisol ficou muda do outro lado da linha, paralisada, sentindo o mundo rodar. Quase enfartou. O susto, a surpresa, a dor e a forma em como foi dada a notícia do falecimento de seu pai transtornaram-na, de tal forma, que ela não mais conseguiu dormir. A dor e a tristeza tomaram conta de todo o seu ser. Começou a se sentir como uma folha seca, sendo arrastada pelo vento, sem destino certo. Seu pai era seu porto seguro, sua raiz forte. Em silêncio, carregou seu desalento por dias consecutivos, esperando que o tempo amenizasse a dor e a tristeza que se haviam instalado em seu coração. Marisol entende que, a maneira como Frida lhe deu a notícia do falecimento de seu pai, foi uma forma de puni-la, por não mais poder exercer seu domínio sobre ela, a irmã mais nova, como fazia antes, no tempo de criança e adolescente.

Na educação dos filhos havia um pacto entre Sr. Valentim e Dona Severina: ele cuidaria dos homens e ela das mulheres. Por isso, Marisol nunca recebeu castigo de seu pai, fazendo com que ela se aproximasse mais dele do que da mãe. O Sr. Valentim pedia abraços, dizia brincadeiras e tecia elogios a Marisol, enquanto que Dona Severina a reprendia, castigava, dizia que ela vivia longe do mundo ou no *"mundo da lua"*, criando certa distância entre as duas. Marisol sentia medo de sua mãe, embora a respeitasse e obedecesse. Só depois de adulta, superou o medo, teve a coragem de abraçá-la e beijá-la. Pôde observar que sua mãe também gostava de carinho e afeto, o que fazia com que ambas se emocionassem muito.

XXXVIII

Frida

Frida era cinco anos e alguns meses mais velha que Marisol. Travessa e muito sapeca. Gostava de mangar de tudo e de todos. Colocava apelidos, ria e chorava por causa de suas arengas; era divertida e, ao mesmo tempo, autoritária.

Apesar do seu temperamento forte, sempre querendo ser a primeira e ter razão em tudo, era muito generosa e desprendida. Como sua mãe, Severina, gostava de servir e de ajudar as pessoas. Preocupava-se com as irmãs, os irmãos e os sobrinhos, transformando suas preocupações em advertências, enredos e, ou, repreensões, o que em geral não era muito bem aceito pelos membros da família envolvidos.

Frida era muito estudiosa. Destacou-se como primeira aluna de sua turma, durante todos os ciclos escolares. Escrevia discursos, poesias e compunha hinos para as solenidades do Colégio e da Paróquia em que vivia. Ela, Marisol e as outras irmãs faziam parte do Coro da igreja, cantando missas em Latim. Frida, também lecionou no Colégio das Freiras, onde estudou e foi professora de Marisol.

Quando meninas, as irmãs brincavam, arengavam e depois tudo voltava ao normal. Frida, com suas brincadeiras de mau gosto, apelidos e críticas grosseiras, atormentou muito suas irmãs, de modo especial Gina e Marisol. Em vez de dizer que Marisol era a caçula, dizia que era a "cascuda",

talvez porque visse nela uma forte concorrente nas iniciativas escolares e na aplicação aos estudos.

Certo dia, Marisol, conversando com Mariana, sua parenta e contemporânea do tempo de Colégio, falou das zombarias e arengas de que era vítima de suas irmãs mais velhas, chamando-a de *"cascuda"* e *"fim de rama"*, entre outros apelidos grosseiros que lhe davam. Imediatamente, Mariana respondeu: *Foi o "fim de rama" que mais floresceu e frutificou*, referindo-se às conquistas estudantis e profissionais de Marisol. Refletindo, um pouco, sobre o comentário de sua parenta, Marisol contestou: *Talvez, tenha sido essas implicâncias, que me deram coragem e força de vontade para lutar com garra e determinação, alcançar grandes conquistas na vida profissional e chegar ao pódio na carreira estudantil, lugar cobiçado por muitos e atingido por poucos.*

Marisol reconhece que Frida, ainda estudante universitária, apoiou-a na realização de seus estudos, quando se transferiu da Faculdade de Sobral para a Faculdade de Fortaleza e, posteriormente, quando Marisol foi fazer estudos de pós-graduação fora do país. Embora entre as duas tenha havido momentos desagradáveis, houve, também, momentos de cooperação, de apoio e de solidariedade. Hoje, cada uma segue sua vida, de forma independente e com respeito mútuo. Marisol tem consciência de que, o reconhecimento, a gratidão, o perdão são virtudes que geram a paz de espírito, elevam a autoestima, enobrecem e dignificam o ser humano.

XXXIX

Persistência na luta e novas conquistas

Recordando a superação de barreiras antepostas à sua carreira, Marisol lembra-se de que suas aulas terminavam às 22h e 45 min. Nesse horário, o último ônibus da linha que a levava para casa já havia passado. Algumas vezes, os colegas que tinham carro lhe davam carona, outras vezes ela ia caminhando para casa acompanhada de alguns companheiros de turma. Partia da Avenida Luciano Carneiro, atravessava a Avenida 13 de Maio, indo pela Rua Senador Pompeu até sua casa, que ficava a dois quarteirões da Avenida Duque de Caxias. Era uma caminhada e tanto, depois de três expedientes de trabalho e estudos. Raras vezes, quando o último ônibus atrasava e, ou, suas aulas terminavam mais cedo, ela tomava o "corujão".

Hoje, dada à violência urbana, reconhece que já não é possível ousar uma travessia dessas, pois a criminalidade se instalou na sociedade, pós-moderna, mantida e vista como estratégia econômica. As empresas de segurança, associadas à tecnologia, se por um lado se apresentam como meios de proteção ao direito de ir e vir do cidadão, por outro lado se constituem em fábricas de manutenção do crime organizado.

Enquanto os cidadãos de bem, trabalhadores, vivem presos, protegidos por grades de ferro, cercas elétricas, alarmes, câmeras, sensores, vigilância armada, etc., os criminosos

permanecem livres e impunes. Percebe-se claramente, que, não existe real interesse por parte de certos grupos econômicos e, ou, políticos, em reduzir ou eliminar a situação de insegurança e medo em que vive a população brasileira, vez que se beneficiam com a existência e o aumento da criminalidade. Isto explica a proliferação de empresas de "proteção e segurança", inclusive as famigeradas "milícias", formadas por paramilitares expulsos da corporação.

Não adianta, também, construir mais e mais presídios para trancafiar delinquentes, onerando o Estado e os cidadãos que pagam impostos; o que deve ser feito é tornar as leis mais severas e fazer com que sejam cumpridas, porque um delinquente não tem nada a perder, mas um pai e, ou, uma mãe de família, um trabalhador, um jovem estudante, uma criança indefesa, que representam a força construtiva da sociedade, são punidos pela insegurança, pelo pânico e pelo medo de sair de casa para trabalhar, estudar, fazer compras e, ou, se divertir. A violência urbana e o medo atingem não só a pessoas jovens e adultas, mas, sobretudo, as camadas mais vulneráveis da população, constituídas pelas crianças, mulheres e anciãos.

Segundo a Constituição Federal do Brasil, todos os brasileiros, independentemente de faixa etária, classe social, credo, cor, opção sexual, profissão, conduta filosófica e, ou, política, têm o direito à vida, o direito de ir e vir dentro do território nacional, sem ser molestados por marginais e, ou, infratores da lei de qualquer espécie.

A Educação é muito importante no processo de construção da sociedade e na reabilitação de grupos de crianças e adolescentes delinquentes, mas, sozinha, não opera milagres; é imprescindível que todos os setores da sociedade cumpram suas funções e não fiquem as autoridades lançando mão de

soluções paliativas, empurrando o problema de setor para setor nas secretarias governamentais.

No tempo em que Marisol fazia faculdade, o trabalho que ela desenvolvia, incluía viagens mensais, com duração de aproximadamente uma semana, cobrindo todos os municípios do Ceará, um de cada vez. O objetivo dessas viagens era ministrar cursos de capacitação e formação de alfabetizadores de adultos, fazer reuniões com Prefeitos, organizar e treinar as Comissões Municipais de Educação, assessorar os professores no planejamento das atividades curriculares e visitas às salas de aula noturnas. Na época, o Estado do Ceará se dividia em cento e quarenta e um municípios e possuía poucas estradas asfaltadas; a maioria era carroçável, piçarra, os pneus do carro (veraneio) em que viajava deslizavam na lama, na época chuvosa. Foi uma vida dura, de muita luta e infindas responsabilidades. Mesmo assim, Marisol não descuidou dos seus estudos. Enquanto suas colegas desfrutavam os fins de semana indo às praias, cinemas e passeios, ela ficava em casa, estudando as matérias das aulas que perdera e fazendo os trabalhos da Faculdade, exigidos pelos seus professores. Levou uma vida austera, sem luxo e lazer. Seu lema era o mesmo de seus pais: *"Primeiro a obrigação, depois a devoção"*. Sempre se espelhou nos exemplos que recebeu de sua família, sobretudo, de seu pai e de sua mãe.

Marisol superou muitos obstáculos antepostos em seu caminho, desde a infância. Nunca entregou as armas. Seguiu lutando, pelejando e planejando o futuro, perdendo algumas batalhas e ganhando outras bem mais significativas, nunca se acovardando e, ou, desistindo de seus ideais.

Depois de sua primeira formatura em nível superior, Marisol, baseada nas experiências adquiridas até aquele momento, seguiu desbravando o desconhecido. Viajou em

missão de trabalho e de estudos, para outros Estados e para fora do País. Enfrentou desafios maiores, em busca de novas conquistas nos campos profissional e estudantil. No Brasil, fez três cursos de nível superior, obtendo dois títulos de Licenciatura Plena e um de Especialização; no exterior, fez pós-graduação lato e estrito senso, obtendo mais um título de Especialização, o título de Mestre e o título de Doutor. No Curso de Doutorado, conquistou a nota máxima com sua defesa de Tese (Excelente com Louvor — por unanimidade). Prestou relevantes serviços a instituições em nível nacional e internacional como professora universitária, pesquisadora, escritora, conferencista, funcionária pública, enfim, cientista social pela UNESCO, na qualidade de Doutora Pesquisadora.

No tocante ao magistério de nível superior, Marisol foi aprovada em quatro concursos públicos: um realizado por uma universidade federal; dois realizados por uma universidade estadual; e mais um, realizado por uma universidade privada. Exerceu os cargos de professora titular, professora adjunta e professora convidada, nas universidades cujos concursos foram realizados. Durante vinte e cinco anos exerceu o magistério de nível superior: como professora, lecionou várias disciplinas e orientou inúmeras monografias de alunos concludentes dos cursos de graduação e pós-graduação; fez parte de grupos de estudos especializados e de mesas redondas para debates; foi, também, membro integrante de equipes julgadoras de monografias e trabalhos acadêmicos dos alunos concludentes; como pesquisadora, elaborou e realizou importantes projetos de pesquisa para instituições nacionais e internacionais; como escritora, publicou livros em editoras brasileiras e estrangeiras; como conferencista, publicou trabalhos de pesquisa em anais de eventos científicos, artigos em jornais e revistas nacionais e internacionais.

Na qualidade de funcionária pública, Marisol deu mostras de seu desempenho nas áreas de planejamento, coordenação, supervisão, avaliação e execução de projetos educativos e sociais, destinados a beneficiar populações carentes, envolvendo jovens e adultos habitantes das periferias urbanas e da zona rural.

Marisol é membro efetivo de uma instituição de Estudos Superiores que se destina à pesquisa de temas sociais e publicação de artigos em revistas e anais de eventos científicos. Por suas lutas e conquistas e, também, pela qualidade de seus estudos e relevantes trabalhos prestados em seu país e no exterior, assumiu a postura de Cidadã do Mundo, conquistando respeito e admiração no meio acadêmico.

No cumprimento de sua missão estudantil e profissional, e também, como turista, viajou para várias capitais do Brasil e para as mais importantes cidades situadas em países das Américas e da Europa: Estados Unidos, México, Guatemala, Cuba, Panamá, Espanha, Portugal, França, Itália, Inglaterra e Alemanha. Assim, dotada de incansável espírito guerreiro, nunca deixou arrefecer seu otimismo, força de vontade e persistência, realizando sonhos e construindo esperanças.

Profª. Drª. Maria do Socorro Vasconcelos, ao centro. Paraninfa da turma de concludentes do Curso de Pedagogia da UNIFOR, 2004.2. Missa de Ação de Graças. Igreja Pequeno Grande. Fortaleza - CE.

XL

O Amigo Fiel

Em todos os momentos de sua vida, Marisol sentiu que a mão da Providência Divina esteve estendida sobre ela. Nunca duvidou disto, sempre depositou sua confiança em Deus e no seu coração mantinha uma intimidade real, sincera e permanente com Jesus, seu fiel amigo de todas as horas, tanto nas de alegria, de prazer, de felicidade, quanto nas de dor, tristeza, angústias e incertezas.

Recorda-se de que, quando criança, brincando no chão da sala de jantar, abriu o livro *Escritura Sagrada* (uma bíblia simplificada) e viu o retrato de Jesus crucificado. Curiosa e penalizada com aquela terrível cena expressa na figura, perguntou à sua mãe quem era aquele homem e por que estava pregado na cruz. Dona Severina, parou o que estava fazendo e, com todo respeito e paciência, contou-lhe a história da criação do mundo: como Deus criou Adão e Eva e todas as coisas existentes no céu e na terra. Contou também a história da revolta dos anjos no céu e a do pecado original.

Adão e Eva, os primeiros pais do gênero humano, moravam no Paraíso e eram felizes. O demônio, o anjo mau que se revoltara contra Deus e provocara uma luta no Céu, sendo vencido pelo exército dos anjos bons comandado pelo Arcanjo São Miguel, com inveja do casal, transformou-se em uma serpente, seduzindo Eva com mentiras, levando marido

e mulher a desobedecerem às ordens de Deus. Quando Adão e Eva comeram o fruto da árvore proibida, perceberam que estavam nus, reconheceram que tinham pecado e se esconderam. Mas, Deus que tudo sabe e tudo vê, chamou-os e os expulsou do paraíso. Ambos ficaram à mercê da própria sorte.

Diante do arrependimento sincero deles, por terem agido enganados pela serpente, Deus teve compaixão do casal e prometeu um salvador, que viria depois de quatro mil anos. Passado esse longo tempo de sofrimentos suportados por muitas e muitas gerações, Deus enviou Jesus, o Salvador. Nasceu pobre, num estábulo, na cidade de Belém, tendo por berço uma cocheira, onde as vacas comiam. Foi adorado pelos anjos, pelos pastores e pelos animais que ali pastavam. Depois recebeu a visita dos Reis Magos do Oriente, que foram guiados por uma estrela brilhante, com longa cauda luminosa. Os pais de Jesus tiveram que fugir com a criança para o Egito, pois Herodes, o Rei da Judeia, queria matar o menino, porque segundo as profecias, nascera o novo rei dos judeus.

Jesus cresceu em tamanho e sabedoria, guiado pela mão de Pai Celestial. Aos trinta anos começou a pregar a palavra de Deus para a conversão dos pecadores. Os sumos sacerdotes dos Judeus o perseguiram e com a conivência de Pôncio Pilatos, cônsul romano que governava a Judeia, o assassinaram com a morte de cruz, porque ele batizava, fazia milagres, curava os doentes, expulsava demônios, perdoava pecados, tinha compaixão dos pobres, pregava o amor, a justiça, o perdão, a caridade e o reino de Deus.

Depois de morto, ressuscitou ao terceiro dia e continua no meio de nós, no Santíssimo Sacramento do Altar. Marisol ouvia com atenção a história, sentia muita compaixão de Jesus e se indignava com os perseguidores dele. A menina guardou, no seu coração puro de criança, os ensinamento

de sua mãe. A semente da fé, semeada por Dona Severina, no coração inocente e fértil da menina Marisol, germinou e criou raízes profundas, fazendo com que ela, desde criança, alimentasse por Jesus sentimentos de amor, admiração, respeito e confiança, durante toda a sua vida.

Na adolescência, na noite de Natal, no Colégio em que estudava, durante a encenação do Pastoril, ela representava três papéis, dentre eles, o do Arcanjo São Miguel, lutando e derrotando Lúcifer. Era o papel de que ela mais gostava. Talvez, guardasse no seu subconsciente, as histórias bíblicas que sua mãe lhe contara, quando criança, por isso sentia prazer em derrotar, simbolicamente, o anjo mau.

Quando adulta, sua solidão voluntária para realizar projetos de estudo e de trabalho era também utilizada para a meditação, levando-a a uma conversa mística, profunda e interior com Jesus. Sua gratidão para com Ele estende-se por todos os favores recebidos durante sua vida. Ela que, desde criança, sofria de enxaquecas, anos depois, já adulta e em pleno desenvolvimento de sua profissão, foi curada da seguinte maneira: estando em seu quarto, deitada na cama, lendo sobre a paixão de Cristo, especificamente sobre o sofrimento causado pela coroa de espinhos, de repente parou a leitura e dirigindo o olhar para o crucifixo afixado na parede, começou a meditar sobre a dor infligida por cada um dos espinhos que perfuraram a cabeça de Jesus, o que fazia o sangue escorrer por sua face, embaçando-lhe a visão. Profundamente concentrada naquela reflexão e altamente sensibilizada com os sofrimentos de Cristo, pensou: *se eu somasse todas as enxaquecas que tive até hoje, a dor seria insignificante se comparada com as dores causadas por um único espinho encravado na cabeça de Jesus.* Nesse momento, sentiu uma profunda compaixão se apoderar de todo o seu ser e, com espontaneidade,

disse em voz alta: *Jesus, eu te ofereço todas as dores de cabeça que senti durante a minha vida e as que eu ainda poderei sentir.* A partir desse dia, Marisol nunca mais teve enxaqueca. Reconhece que foi curada milagrosamente por Jesus e o agradece constantemente por mais esta extraordinária graça alcançada. Jesus é seu amigo fiel e companheiro de todas as horas. Nos momentos difíceis, ela pensa Nele com confiança e ora: *"O Senhor é meu pastor não me faltará" (Salmo 23:1);* nos momentos alegres, de prazer e de vitórias, ela reza: *"Tudo posso naquele que me fortalece" (FP. 4:13).*

Diante dos fatos aqui relatados, a autora deste livro conclui a narrativa com o seguinte louvor:

"JESUS, o céu e a terra proclamam tua glória e te agradecem por teu sublime ato de amor, de entrega total e de infinita Misericórdia para com a Humanidade. Agradecemos, também, por tua fidelidade e presença constante entre nós, *pecadores.* ***Muito obrigada Senhor, infinitas vezes, muito obrigada".***

Sobre a autora

Maria do Socorro Vasconcelos

Filiação: Gabriel Araújo de Vasconcelos
Theolina Murillo Zacas

Doutora em Ciências da Educação; Pesquisadora; Professora universitária; Funcionária pública; Membro Efetivo da Academia de Ciências Sociais do Ceará (ACSC).

Prêmios / Títulos:

- Comenda. Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, como primeira Secretária Geral da Academia de Ciências Sociais do Ceará - ACSC, 2013.
- Menção Honrosa. Registro nos Anais da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, do artigo publicado no jornal *O Povo* - "Paz: a grande utopia do século XXI", 2003.
- Menção Honrosa. Trabalho de Pesquisa em Educação Não-Formal junto a camponeses mexicanos. Organização dos Estados Americanos - OEA, 1984.
- Menção Honrosa. Participação na Implantação do Movimento Brasileiro de Alfabetização. Ministério da Educação - MEC, 1975.

Produção científica:

a) **Livros publicados**

- Extensão Universitária: resgatando experiências e construindo saberes. Fortaleza: Gráfica UNIFOR, 2006.
- Educação e Liberdade. (Organizadora e coautora). Fortaleza: Editora Brasil Tropical, 2005.
- Experiência de Implantação do Programa Alfabetização Solidária (ALFASOL) na Universidade de Fortaleza. Fortaleza: Gráfica UNIFOR, 2005.

- El Movimiento de los Trabajadores Rurales sin Tierra en el Marco de la Educación Liberadora. (Tese de Doutorado), publicada em Alicante, Espanha: Biblioteca Virtual, 2003; em Valladolid, Espanha: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2002; em Michigan, USA: UMI Dissertation Services – ProQuest Company, 2002.
- Saberes Adquiridos e Saberes Construídos pelo Alfabetizando Adulto: Possibilidades e Dificuldades de Aprendizagem (coautoria com Randal Pompeu). Fortaleza: Gráfica UNIFOR, 2003.

b) Capítulos de livros publicados

- O Programa de Alfabetização Solidária e sua contribuição na formação dos alunos de Pedagogia da Universidade de Fortaleza. In: Wilhlmus Jacobus Absil (Org.) Pedagogia Universitária. Fortaleza: Gráfica UNIFOR, 2008.
- INTRODUÇÃO do livro Educação e Liberdade. In: Maria do Socorro Vasconcelos (Org.). Educação e Liberdade. Fortaleza: Editora Brasil Tropical, 2005.
- Alfabetização numa perspectiva de educação libertadora. In: Maria do Socorro Vasconcelos (Org.). Educação e Liberdade. Fortaleza: Editora Brasil Tropical, 2005.
- O MST: Educação Libertadora e Trabalho Cooperativo. In: Maria do Socorro Vasconcelos (Org.). Educação e Liberdade. Fortaleza: Brasil Tropical, 2005.
- Capacitar ou Formar Alfabetizadores? In: Temas Pedagógicos - Educação de Jovens e Adultos: teoria e prática para compreensão da andragogia. Fortaleza: Gráfica UNIFOR, 2004.
- Projeto Político Pedagógico para a Capacitação de Alfabetizadores (Módulo XVII) do Programa Alfabetização Solidária na UNIFOR. In: Temas Pedagógicos, N° 11. P. 23-25. Fortaleza: Gráfica UNIFOR, 2004.

c) Artigos publicados em jornais de notícias e revistas científicas:

- Educação: Reconstrução de Nossa Sociedade. Cadernos Internacionais Brasil – Portugal, N° 1. Lisboa (Portugal), 2014.
- O uso social da leitura por meio de textos informativos. Revista Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa. Brasil, São Paulo, volume 1, n° 10, pp.09 -22, Mar. 2010.
- Extensão Universitária: resgatando experiências e construindo saberes. Revista Humanidades. Fortaleza, v. 21, N° 1, p. 51-72, jan-jun. 2006.
- Capacitação de alfabetizadores para o módulo XX do Alfasol. Revista Humanidades. Fortaleza, v. 21, N° 2, p. 164-173, jul-dez. 2006.
- Paulo Freire - Pedagogo do século XX. Jornal Diário do Nordeste. Fortaleza. p. 3-3, 02 maio 2004.
- Alfabetización bajo una perspectiva de la educación libertadora. Ciências Bolivarianas. Barranquilla (Colômbia), v.3, p. 110 – 121, 03 set. 2003.
- Criar uma cultura de paz. Jornal *O Povo*. Fortaleza, p. 6 - 6, 20 jul. 2003.
- Paz, a grande utopia do século XXI. Jornal *O Povo*. Fortaleza, p. 7 – 7, 22 mar. 2003.
- Alfabetização numa Perspectiva de Educação Libertadora. Revista Humanidades. Fortaleza, v. 17, N° 2, p. 145 -151, ago-dez. 2002.
- El MST: Educación Libertadora y Trabajo Cooperativo. Revista Diálogos. Barcelona (Espanha). N° 28. V. 3. p. 87 – 91, 01, dez. 2001.
- Compreensividade (Inclusão): Diversidade e qualidade Educativa. Revista Acadêmica. Fortaleza-Ce, v. 02, p. 109 – 119, set. 1999.
- Proyecto Piloto de alfabetização de Adultos: Una Experiência Freriana. Revista Interuniversitária de Formación del Profesorado. Zaragosa (España), v. 33, p. 67 – 76, 01 set. 1998.
- El trabajo educativo en la comunidade. Boletin Informativo de la Comunidade Universitária (Universidade de Monterrey. Monterrey (México), N° 5, 17 nov. 1985.

ERRATA

VASCONCELOS, Socorro: *Fragmentos de vida:* uma história em construção. Fortaleza: Premius, 2015. 160p.	
Onde se lê	Leia-se
pág. 74 (linha 7): Marisolzinha é uma flor	Marisolzinha é um botão
pág.128 (linha 22): sobrecarregas	sobrecarregados
pág.157 Maria do Socorro Vasconcelos	Maria do Socorro Vasconcelos, natural de Bela Cruz-CE.

Esta obra foi composta em fonte Book Antiqua e processada em CTP e impressa em papel Off-Set 75g/m² e Capa em Papel Supremo 250g/m². Impressão e acabamento na Premius Editora em Fortaleza-CE, fevereiro de 2015.

paralelo entre o passado e o presente, dialogando com os personagens e, às vezes, identificando-se com um ou alguns deles, sobretudo, no que se refere aos valores morais e religiosos. As reminiscências suscitadas por este livro, constituem-se num labirinto de emoções, afetos e sentimentos latentes em cada ser humano, despertando no leitor adulto o desejo de revivê-los, intensamente. É uma volta ao mundo descontraído da infância e ao viver descuidado da adolescência e juventude.

ISBN 978-85-7564-789-9

Profª. Drª. Maria do Socorro Vasconcelos, ao centro, com um ramalhete de flores. Paraninfa da turma de concludentes do Curso de Pedagogia da UNIFOR, 2004.1. Almoço de Confraternização. Marina Park Hotel. Fortaleza - CE

PREMIUS